

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM RELAÇÕES INTERNACIONAIS SAN
TIAGO DANTAS – UNESP, UNICAMP E PUC-SP

EDSON KEYSO DE MIRANDA KUBO

Configurações do soft power e *soft disempowerment* japonês no Brasil: implicações
e desafios

São Paulo – SP

2025

EDSON KEYSO DE MIRANDA KUBO

Configurações do *soft power* e *soft disempowerment* japonês no Brasil: implicações e desafios

Relatório de pós-doutorado apresentado ao Programa de Pós-graduação em Relações Internacionais San Tiago Dantas, da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp), da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), realizado entre março de 2024 e março de 2025.

Supervisor: Luís Alexandre Fuccille.

São Paulo – SP

2025

AGRADECIMENTOS

Agradeço sinceramente ao Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais San Tiago Dantas - UNESP, UNICAMP e PUC-SP pela oportunidade de fazer o pós-doutorado em Relações Internacionais, em especial ao Prof. Dr. Luís Alexandre Fuccille pela convivência, supervisão e por ter acreditado nesta pesquisa. Agradeço também à gentileza e atenção da Sra. Graziela e Sra. Isabela durante esta jornada.

Aproveito o momento para registrar meus agradecimentos também aos agentes estatais do *soft power* japonês no Brasil (Fundação Japão, Câmara do Comércio e Indústria Japonesa do Brasil, *Japan Society for Promotion of Science*, *Study in Japan* e *Japan International Cooperation Agency*) além dos presidentes, ex-bolsistas do governo japonês e membros de associações de cultura japonesa que cooperaram com essa pesquisa.

Por fim, agradeço também a minha família por todo apoio e amigos pelos incentivos.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	04
2	PRODUÇÃO BIBLIOGRÁFICA.....	06
2.1	Escopo da pesquisa final	06
3	ATIVIDADES ACADÊMICAS REALIZADAS.....	07
3.1	Descrição das atividades.....	07
3.1.1	Palestra.....	07
3.1.2	Entrevista.....	07
3.1.3	Evento na CCIJB.....	08
3.1.4	Evento na Embaixada do Japão.....	08
4	RELATO FINAL.....	09
	REFERÊNCIAS.....	52
	APÊNDICE – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E	
	ESCLARECIDO.....	58

1 INTRODUÇÃO

As relações internacionais entre Brasil e Japão têm início com o fluxo de imigrantes, representados por aproximadamente 100.000 japoneses chegando a América Latina entre o final do século XIX e início do séc. XX. Já as relações econômicas entre Brasil e Japão se estabeleceram entre 1960 e 1970, devido ao interesse em se obter acesso aos recursos naturais da América Latina por parte do Japão. Atualmente o Japão é o terceiro maior parceiro comercial asiático do Brasil e o Brasil representa o maior parceiro comercial japonês na América Latina (Amorim; Ferreira-Pereira, 2021). No caso do Brasil, há de fato a maior colônia de descendentes japoneses fora do Japão, atualmente com cerca de 1,4 milhões de *nikkeis* (Yamashita, 2019) além de inúmeros negócios japoneses no Brasil e uma infraestrutura moldada pelos imigrantes que aqui se instalaram.

O Brasil tem emergido como ambiente atrativo para negócios internacionais diante dos atuais eventos de guerras (Rússia e Ucrânia; Israel e Hamas) e instabilidade na Europa (López, 2024). Encontra-se no Brasil um ambiente propício a investimentos devido ao seu alto potencial de energias renováveis, sistema financeiro desenvolvido e postura multilateral em relações internacionais (Amorim; Ferreira-Pereira, 2021; da Silva-Oliveira *et al.*, 2021).

Observa-se que as relações internacionais entre Brasil e Japão têm sido vistas como complementares, além de ajudarem a equilibrar a presença da China na América Latina, por meio de investimentos estrangeiros diretos e parcerias estratégicas em programas de cooperação econômica (Amorim; Ferreira-Pereira, 2021).

Soma-se a esse contexto o protagonismo dos países asiáticos nas questões econômicas e geopolíticas globais, com a especial atenção a crescente influência da China e Coreia do Sul no Brasil, por meio do *soft power*. Compreende-se por *soft power* a habilidade de uma nação em atrair outros países, sem coerção (*hard power*), por meio de influências culturais, suportes e doações e até mesmo eventos esportivos. Já o *soft disempowerment* (desemponderamento suave) diz respeito a perda de legitimidade e críticas que uma nação sofre por seus atos indesejados (ex: quando o Japão caça baleias), que foram identificados e divulgados por seus rivais (Brannagan; Giulianotti, 2018; Jeong; Grix, 2023; Nye, 2019; Vail *et al.*, 2020).

Houve historicamente por parte do Japão uma tentativa de se utilizar de seu *soft power* para se diferenciar de outras nações asiáticas e de mitigar o estigma de uma nação insular. Não obstante, observa-se que o *soft power* japonês coexiste atualmente com o *soft power* chinês e coreano e seu protagonismo tem sido disputado no âmbito nacional e global (Carminati, 2020; Jeong; Grix, 2023). Há, portanto, uma escassez de pesquisas que apresentem a situação atual do *soft power* e *soft disempowerment* japonês no contexto brasileiro, suas implicações e desafios.

Diante desse contexto, apresenta-se a pergunta de pesquisa que norteia este projeto de pesquisa de pós-doutorado: Como se configura o *soft power* e *soft disempowerment* japonês no Brasil?

Assim, o objetivo geral deste projeto de pesquisa pós-doutoral é: Analisar como se configura o *soft power* e *soft disempowerment* japonês no Brasil. Dentre os objetivos específicos, podem ser enunciados:

- a) Identificar as manifestações de *soft power* japonês no contexto brasileiro, com especial atenção às conexões entre o *soft power* japonês e os negócios, por meio do investimento estrangeiro direto e formação de recursos humanos;
- b) Identificar os elementos facilitadores e dificultados do *soft power* japonês no contexto brasileiro, diante da coexistência do *soft power* da China e Coreia do Sul;
- c) Propor um *framework* com recomendações para o *soft power* japonês que possa mitigar o risco de estagnação e promover sua efetividade no contexto brasileiro;
- d) Identificar os riscos de *soft disempowerment* japonês no contexto brasileiro.

2 PRODUÇÃO BIBLIOGRÁFICA

O pós-doutorando executou seu projeto de pesquisa, com a coleta de dados realizada no segundo semestre de 2024. A pesquisa culminou em um relatório de pesquisa contendo uma revisão sistemática da literatura, metodologia, apresentação e discussão dos resultados e conclusão. A produção bibliográfica inerente a essa pesquisa pós-doutoral tem potencial em *journal* internacional a ser definida em conjunto com o supervisor.

2.1 Escopo da pesquisa final

Observa-se atualmente o protagonismo dos países asiáticos nas questões econômicas e geopolíticas globais, com a especial atenção a crescente influência da China e Coreia do Sul no Brasil, por meio do *soft power*. Compreende-se por *soft power* a habilidade de uma nação em atrair outros países, sem coerção (*hard power*), por meio de influências culturais, suportes e doações e até mesmo eventos esportivos. Já o *soft disempowerment* (desempoderamento suave) diz respeito a perda de legitimidade e críticas que uma nação sofre por seus atos indesejados, que foram identificados e divulgados por seus rivais.

O *soft power* japonês coexiste atualmente com o *soft power* chinês e coreano no contexto brasileiro e seu protagonismo tem sido disputado no âmbito nacional e global. Esta pesquisa pós-doutoral de abordagem qualitativa, apoiada no paradigma do interpretativismo, baseou-se em uma revisão sistemática da literatura, análise de documentos oficiais e entrevistas semi-estruturadas com 18 participantes, divididos entre agentes estatais (Fundação Japão, CCIJB, JICA, JSPS e *Study in Japan*) e agentes não estatais (Presidentes de Associações culturais japonesas no Brasil e ex-bolsistas do governo japonês). A análise dos dados contemplou técnicas de análise temática com a utilização do software *Atlas TI 9.0*.

Concluiu-se que o *soft power* japonês se configura em torno dos conceitos de coexistência baseada na “rivalidade amigável” (切磋琢磨 *Sessatakuma*) e na “invisibilidade”(目に見えない *Menimieanai*). Com isso o Japão consegue manter sua posição de influência no Brasil diante da China e Coreia do Sul, sem admitir a “perda” e avançando em paralelo (横並び *Yokonarabi*) com esses países.

3 ATIVIDADES ACADÊMICAS REALIZADAS

Durante o pós-doutorado, como especialista em Ásia, principalmente no tange a Japão, China e Coreia do Sul, o pesquisador foi convidado a ministrar palestra em evento acadêmico sobre RI e a conceder entrevista sobre a situação política da Coreia do Sul, ambos no final do segundo semestre de 2024. O pesquisador também visitou entidades relevantes para sua pesquisa pós-doutoral como a Câmara do Comércio e Indústria Japonesa do Brasil (CCIJB) e Fundação Japão (JF) para entrevistar autoridades em japonês sobre os temas aderentes a esta pesquisa.

3.1 Descrição das atividades

As atividades descritas a seguir foram essenciais para viabilizar a coleta de dados e também como resultado do envolvimento com a temática principal desta pesquisa.

3.1.1 Palestra

Participação como palestrante da I Semana de Relações Internacionais USCS realizada entre 04/11/2024 e 07/11/2024 (19:30 - 21:00) na Universidade Municipal de São Caetano do Sul (USCS).

KUBO, E.K.M. Vivência internacional: desafios e oportunidades de carreira. *In: I Semana de Relações Internacionais USCS* [07 nov. 2024]. Disponível em: <https://www.even3.com.br/i-semana-das-relacoes-internacionais-uscs-504632/>. Acesso em: 29 jan. 2025.

3.1.2 Entrevista

Entrevista concedida a jornalista Jessica Roccella do site de Relações Internacionais “Lá e Cá”, acerca da situação política da Coreia do Sul.

ROCCELLA, J. Coreia do Sul: oposição apresenta novo pedido de impeachment contra Yoon Suk Yeol. *In: Lá e Cá* [12 dez. 2024]. Disponível em: <https://conexaolaeca.wordpress.com/2024/12/12/coreia-do-sul-oposicao-apresenta-novo-impeachment-contrayoon-suk-yeol/>. Acesso em: 15 jan. 2025.

3.1.3 Evento na CCIJB

Participação em evento na Câmara de Comércio e Indústria Japonesa do Brasil (CCIJB), como pós-doutorando, para reunião com o Secretário Geral Sr. Toshifumi Murata acerca do *soft power* japonês e negócios japoneses no Brasil.

LAZARI, A.P. Docente da escola de negócios participa de debate na Câmara do Comércio e Indústria Japonesa do Brasil do Brasil. *In: Notícias* [30 set. 2024]. Disponível em: <https://noticias.uscs.edu.br/docente-da-escola-de-negocios-participa-de-debate-na-camara-do-comercio-e-industria-japonesa-do-brasil/>. Acesso em: 22 out. 2024.

CÂMARA DE COMÉRCIO E INDÚSTRIA JAPONESA DO BRASIL. Universidade Municipal de São Caetano do Sul. *In: Visitas à Câmara* [27 set. 2024]. Disponível em: <https://camaradojapao.org.br/universidade-municipal-de-sao-caetano-do-sul-uscs/>. Acesso em: 20 jan. 2025.

3.1.4 Evento na Embaixada do Japão

Participação no XVII Encontro Nacional das Associações de Ex-Bolsistas do Governo Japonês, na Embaixada do Japão em Brasília (DF), como palestrante acerca das atividades da Associação de ex-bolsistas do governo japonês. O evento contou com a participação do Embaixador do Japão no Brasil Sr. Hayashi Teiji e com representantes de diversas Associações Culturais do Japão no Brasil. Foi um evento importante para minha pesquisa pós-doutoral e para efetuar os contatos necessários.

LAZARI, A.P. Docente da USCS participa de encontro nacional de ex-bolsistas do governo japonês. *In: Notícias* [25 mar. 2024]. Disponível em: <https://noticias.uscs.edu.br/docente-da-uscs-participa-de-encontro-nacional-de-ex-bolsistas-do-governo-japones/>. Acesso em: 28 jan. 2025.

EMBAIXADA DO JAPÃO NO BRASIL. Participação do Embaixador HAYASHI no XVII Encontro Nacional das Associações de Ex-Bolsistas do Governo Japonês. *In: Embaixada do Japão no Brasil* [27 mar. 2024]. Disponível em: https://www.br.emb-japan.go.jp/itpr_pt/11_000001_00856.html. Acesso em: 29 jan. 2025.

4 RELATO FINAL

Neste capítulo, objetiva-se a apresentar o relato final da pesquisa de modo fluido e organizado em tópicos que contemplam o referencial teórico, metodologia, apresentação dos resultados, discussão e por fim pela conclusão.

4.1 Referencial teórico

Nesse primeiro momento iniciamos o referencial teórico pelo *soft power*, *soft disempowerment* e seus desdobramentos, que se relacionam às configurações do *soft power* japonês no contexto brasileiro e elucidam seus desafios e implicações.

4.1.1 *Soft power* e *soft disempowerment*

O *soft power* como poder brando consiste na habilidade de uma nação em atrair outros países, sem uso da coerção militar e força econômica (*hard power*), por meio de influências culturais, suportes e doações e até mesmo eventos desportivos (Nye, 1990, 2019, 2021). Já o *soft disempowerment* (desempoderamento suave) diz respeito a perda de legitimidade e críticas que uma nação sofre por seus atos indesejados, que foram identificados e divulgados por seus rivais, como por exemplo o caso japonês de caça às baleias. Assim o *soft disempowerment* é capaz de esmaecer o *soft power* de um dado país (Brannagan; Giulianotti, 2018).

O *soft power* se manifesta quando um estado adapta suas agendas internacionais para cooptar comportamentos e preferências de outras partes, conquistando a admiração por suas conquistas esportivas, culturais e desempenho educacional, além de suportes e doações. Além disso, seria também a habilidade de uma nação em fazer com que outras façam o que ela quer que seja feito, visto que o *soft power* não pode ser simplesmente adquirido (Jeong; Grix, 2023; Nye, 2019; O'Shea; Maslow, 2023). Conforme Nye (2021) o *soft power* pode demorar a dar resultados e demanda habilidade para formatar as preferências de outros, por meio da cultura, valores políticos e política externa. Atores não estatais também se tornam cruciais para o exercício do *soft power*, na busca de construção de relacionamentos de longo prazo. Ressalta-se que o *soft power* depende do que acontece nas mentes

dos observadores, envolvendo ações e símbolos. Ainda de acordo com esse autor, a diplomacia pública e tradicional também poderia se utilizar do *smart power* (poder perspicaz) que combina o uso do *soft power* e *smart power* para exercer sua influência.

Assim, ao tratar o *soft power* como estratégia, observa-se a imagem de uma diplomacia pública, composta por cooperação ativa com outros países, relacionamentos duradouros e compreensão mútua. Sob esse contexto, busca-se influenciar outras partes de modo a obter afiliações positivas, por meio de uma imagem atraente e valiosa (Brannagan; Giulianotti, 2018; Dubinsky, 2024).

O *soft power* tem sido associado a uma compreensão americanizada das características atraentes que estados não americanos podem ou não possuir e isso tem resultado em uma visão restrita desse construto em outros países (Brannagan; Giulianotti, 2018). Os casos de países desenvolvidos são os mais pesquisados na temática de *soft power*, com escassez de pesquisas envolvendo as configurações que *soft power* de nações asiáticas em contextos de economias emergentes poderia assumir (Brannagan; Giulianotti, 2018; Conrad; Meyer-Ohle, 2019; Heng, 2020; Jeong; Grix, 2023; Nye, 2019).

Com o fim da Segunda Guerra, o Japão foi proibido de possuir forças armadas conforme o artigo 9º de sua constituição, o que restringiu seu *hard power* no que tange à força militar, restando apenas a parte econômica do *hard power* (López Aranguren, 2023). Embora seja um conceito vago, a cultura diplomática do Japão se apegou fortemente ao conceito de *soft power* e o reificou sob o contexto da aliança entre EUA e Japão e da mudança de legislação do país. O *soft power* trouxe ao Japão a possibilidade “da esperança sobre a experiência”. Dentre as diferentes dimensões de *soft power*, a mais chamativa é a dimensão cultural (Poplavska, 2022). Havia assim a vaga esperança de que a atração à cultura japonesa resultaria em uma atitude geral positiva voltada ao Japão. Assim, esse processo de reificação do *soft power* produziu efeitos e conexões com diversos atores e interesses que passaram a coexistir no contexto japonês, tais como uma política externa prudente, a atração cultural e participação em organizações multinacionais (Roca, 2021; Winkler, 2019).

O Japão conseguiu prover um ambiente institucional propício à promoção de sua cultura, educação, assuntos não militares e ajuda humanitária para além da Ásia. A Assistência Oficial de Desenvolvimento (ODA) passou a constituir um pilar da diplomacia pública japonesa por meio da Agência de Cooperação Internacional

Japonesa (JICA)(Aden, 2022; López Aranguren, 2023). Nesse caso a diplomação pública pode ser encarada como um subconjunto do *soft power* (Roca, 2021). O Japão também passou a enviar sua marinha de força de autodefesa (*Japan Self-Defense Force-JSDF*) para operações de manutenção de paz e ajuda humanitária em outros países, marcando presença no mar do sudeste asiático (Kazuhisa, 2022; Otmazgin, 2021; Winkler, 2019).

Conforme Heng (2020) a fonte real de atração do Japão está em seus valores democráticos, embora em sua agenda esteja o alinhamento com normas internacionais de liberdade de navegação marítima, com a questão climática e assistência humanitária. É curioso notar ainda de acordo com esse autor, que a distinção entre *soft power* e *hard power* é difícil de ser estabelecida, como nesse caso em que o JSDF é utilizado para gerar ajuda humanitária e *soft power*. Desse modo, isso legitima a presença de soldados japoneses na região por meio de uma presença rotineira benéfica aos países assistidos em questões de mudança climática e envelhecimento da sociedade, socorro em desastres naturais e liberdade da navegação marítima no mar meridional chinês (Babin, 2023). Em 2014, o governo japonês aprovou uma reinterpretação do papel do poder JSDF para defender outros aliados, caso uma guerra seja declarada. Além disso, o Japão se viu forçado também a investir em *hard power* desde o momento em que a situação com os EUA passou se tornar frágil, reforçando por exemplo sua marinha (Bîrlea, 2023; Liu, 2024; O'Shea; Maslow, 2023, 2024; Paquin; Colautti-Féré, 2024; Singh, 2024; Zhang, 2021).

O *soft power* japonês caracterizado pela imagem contemporânea de “descolado” (*Japan Cool*) (Agyeiwaah; Suntikul; Carmen, 2019; Descamps, 2023; Kurnia Handoyo, 2024; Mesquita; Matos; Medeiros, 2022; Paidi, 2023) tem refletido um esforço da cultura diplomática do *pop culture* e do setor privado de mitigar a reputação de um país insular(Sakharova, 2024), de passado militarista e protecionista. O Japão tentou assim criar uma identidade pacifista para seu próprio passado não pacífico (Gustafsson; Hagström; Hanssen, 2019; Nakano; Zhu, 2020). A utilização de embaixadores *animes* como a figura do *Doraemon*, as mascotes do JSDF (*Prince Pickles* e *Miss Parsley*) são convenientes para projetar uma ideia de neutralidade, inocência, pureza (*kawaii*) e harmonia (Bîrlea, 2023). Os ativos do Japão contemplam sua cultura, tecnologia, natureza, arquitetura, culinária e *design* únicos, refletidos em um Japão moderno a ser exposto, por exemplo, na *Japan House*, presente somente em três cidades (Londres, Los Angeles e São Paulo).

O Japão busca de modo incessante um lugar respeitável na sociedade internacional e a conquista de confiança da comunidade internacional. Há também interesses econômicos, visto que o acréscimo de 1% no *soft power* pode aumentar as exportações em 0,8% (Rose, 2016). Isso ajudaria o Japão a escapar por exemplo da “Síndrome de Galápagos”, que figurativamente representa uma ilha exótica como o Japão, em que se encontram produtos populares de alta tecnologia de empresas japonesa, mas com baixa participação no mercado externo (Heng, 2020). Há também por parte do Japão a tentativa de se diferenciar de seus outros rivais asiáticos, propiciando um sentimento de bem-estar para os cidadãos japoneses e uma autoconfiança que possa redefinir a identidade doméstica japonesa. Tomando esse exemplo como base, o estado deve elaborar uma estratégia de quem ele quer atrair e como fará isso e nesse momento a atração dependerá de fatores interculturais e intersubjetivos. Vale ressaltar que o *soft power* japonês coexiste atualmente com o *soft power* chinês e coreano e seu protagonismo tem sido disputado no âmbito nacional e global (Ahn; Yoon, 2020; Aukia, 2023; Brannagan; Giulianotti, 2018; Casado Claro; Pastrana Huguet; Saavedra Serrano, 2023; Davies; Edney; Wang, 2021; Jeong; Grix, 2023; Nye, 2019).

Enquanto o Japão se utiliza da Ajuda Oficial de Assistência (ODA) como pilar de sua diplomacia pública, a Coreia do Sul se empenha em criar uma marca de dinamismo e a China de ascensão pacífica (Otmazgin, 2021). Para o Japão, essa disputa se estende até mesmo na promoção do patrimônio cultural e registro de artefatos nas plataformas da UNESCO, que viabilize uma posição única e universal no mundo a partir da criação de um Japão amável e pacífico (Carminati, 2020; Davies; Edney; Wang, 2021; Guo, 2024; Heng, 2020; Jeong; Grix, 2023; Nakano; Zhu, 2020).

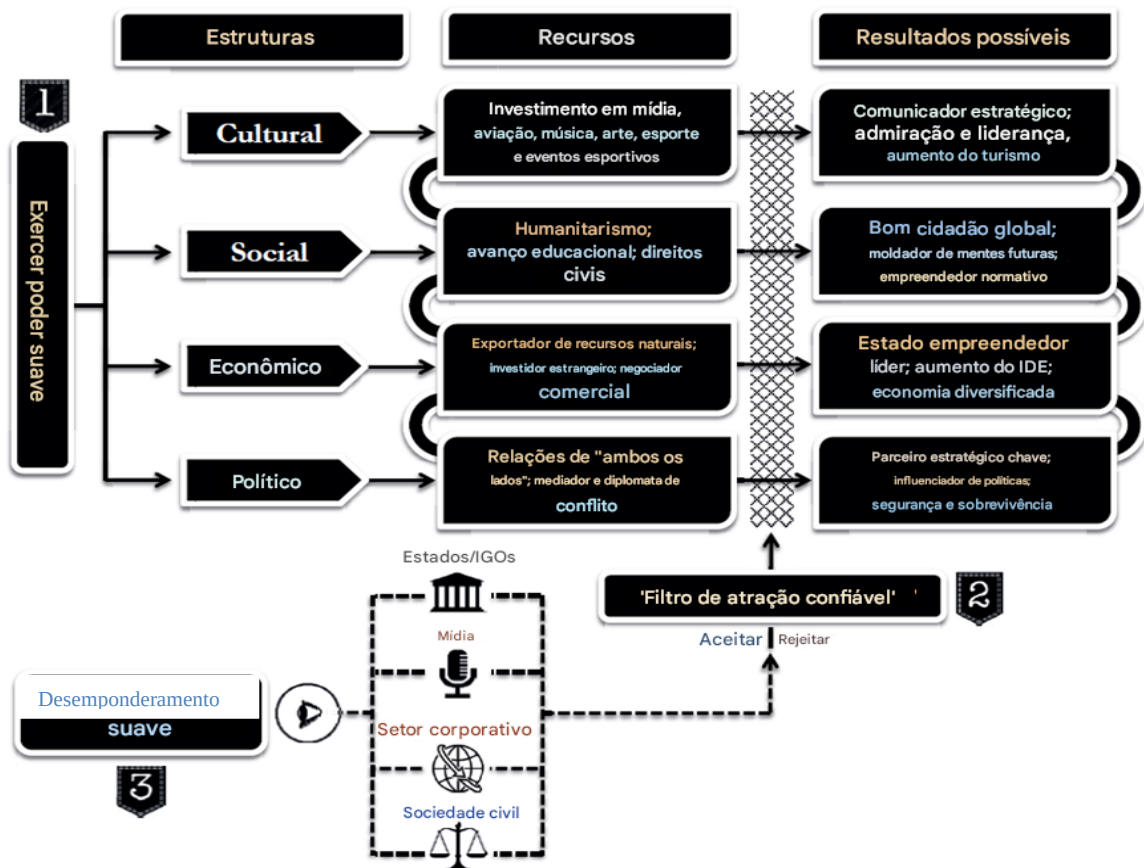
Já *soft disempowerment* (desempoderamento suave) é outro elemento relevante dentro do jogo do *soft power*, pois outros concorrentes tais como estados, entidades corporativas, mídia e organizações não governamentais buscam atos imorais, antiéticos e ilegítimos de seus oponentes para criticá-los em público (Brannagan; Giulianotti, 2018). Um exemplo de *soft disempowerment* seria o envolvimento do Japão com a caça às baleias, que poderia atrair atenção a um ato considerado ilegítimo do ponto de vista ambiental (Vail *et al.*, 2020; Wang, 2024). Portanto, há três modos do *soft disempowerment* ocorrer (Brannagan; Giulianotti, 2018):

- a) Quando os estados infringem as leis e regras internacionais;

- b) Quando os estados não cumprem as convenções internacionais ou padrões sobre desenvolvimento global;
- c) Quando os estados têm influência direta e negativa em outras nações individuais ou comunidade de ações;

Para qualquer estado que se empenhe em seu *soft power*, há o risco de que o *soft disempowerment* ocorra, em função de atenção indesejada para atos considerados ilegítimos, que desacreditem as suas ações. A figura 1 apresenta uma estrutura analítica do *soft power* e configura um modelo de análise para verificar a adequação do *soft power* japonês no Brasil.

Figura 1 - Estrutura analítica do *Soft power* e *soft disempowerment*



Fonte: Brannagan e Giulianotti (2018, p.9).

A partir da Figura 1, observa-se que o exercício do *soft power* (1) de um estado flui da esquerda para a direita, considerando estruturas culturais, sociais, econômicas e políticas, que se utilizam de recursos diversos. Dentre esses recursos diversos, podem ser enunciados respectivamente o envolvimento em mídia, aviação, música, arte, esporte e eventos esportivos, humanitarismo; avanços educacionais; direitos

civis; exportação de recursos naturais; investimento estrangeiro direto; negociação comercial; relações bilaterais; mediação e diplomacia de conflitos. Já os possíveis resultados envolvem uma comunicação estratégica; admiração e liderança, incremento no turismo, cidadania global; modelagem de mentes futuras; empreendedorismo normativo, estado empreendedor líder; aumento do Investimento Estrangeiro Direto; diversificação econômica; parceria estratégica chave; influenciador político; segurança e sobrevivência.

Nesse modelo da Figura 1, o *soft disempowerment* (3) poderia envolver estados e organizações governamentais internacionais, mídia, setores corporativos e sociedade civil que seriam responsáveis por apontar as falhas de outros estados. Essas falhas seriam aceitas ou rejeitadas pelo filtro de confiabilidade na atração (2) que poderia influenciar como moderador a relação entre recursos e possíveis resultados do *soft power*.

Assim, esse modelo constitui uma estrutura analítica de referência para o caso do *soft power japonês* no contexto brasileiro atual, diante da rivalidade com China e Coreia do Sul e da necessidade de manter e angariar influência. A próxima seção aborda as relações internacionais entre Brasil e Japão, ressaltando os pontos aderentes a esse projeto de pós-doutorado.

4.1.2 Relações internacionais entre Brasil e Japão

As relações internacionais entre Brasil e Japão têm início com o fluxo de imigrantes, representados por aproximadamente 100.000 japoneses chegando a América Latina entre o final do século XIX e início do séc. XX. Já as relações econômicas entre Brasil e Japão se estabeleceram entre 1960 e 1970, devido ao interesse em se obter acesso aos recursos naturais da América Latina por parte do Japão. Vale ressaltar que o Brasil se destaca em riqueza de recursos naturais e hídricos (Fuccille; Bragatti; Leite, 2018). Foi exatamente nesse período entre 60 e 70 que o crescimento econômico japonês repercutiu no interesse em elevar o seu nível de influência no contexto brasileiro e da América Latina como um todo.

Atualmente o Japão é o terceiro maior parceiro comercial asiático do Brasil e o Brasil representa o maior parceiro comercial japonês na América Latina (Amorim; Ferreira-Pereira, 2021). No caso do Brasil, há de fato a maior colônia de descendentes japoneses fora do Japão, atualmente com cerca de 1,4 milhões de *nikkeis* (Yamashita,

2019) além de inúmeros negócios japoneses no Brasil e uma infraestrutura moldada pelos imigrantes que aqui se instalaram.

A partir da perspectiva brasileira, a parceria estratégia (PE) entre Brasil-Japão, estabelecida em 2014, com a visita do primeiro-ministro Shinzo Abe, mostrou-se como um mecanismo de equilíbrio desejável diante da presença chinesa no Brasil e na América Latina como um todo. Essa parceria estratégica entre Brasil-Japão tem contribuído para autonomia brasileira no cenário internacional e benefícios de longo prazo para ambos os países (Amorim; Ferreira-Pereira, 2021).

No contexto brasileiro, observa-se por exemplo a atuação da Agência de Cooperação Internacional do Japão (JICA: *Japan International Cooperation Agency*), que se responsabiliza pela ajuda oficial japonesa ao desenvolvimento, conhecida internacionalmente pela sigla ODA (*Official Development Assistance*). Por meio do ODA, a JICA busca ajudar o desenvolvimento socioeconômico, a estabilidade econômica e recuperação de regiões em desenvolvimento (Insebayeva, 2024; Kazuhisa, 2022; Shinichi, 2023; Söderberg, 2011).

Observa-se na JICA a visão de liderar o mundo a partir do valor da confiança, indo ao encontro do conceito de *soft power* (Nye, 2019). Para viabilizar o ODA, em sua missão, a JICA se propõe a promoção do crescimento de qualidade e segurança, por meio do foco em desenvolvimento de recursos humanos, planeta, prosperidade e paz (Shinichi, 2023). A JICA enfatiza a importância de treinamento e formação de recursos humanos, a partir de projetos em nível micro em países de economias emergentes e em desenvolvimento como o Brasil (Kazuhisa, 2022), no contexto subnacional (Shinichi, 2023; Söderberg, 2011).

Em seus treinamentos a JICA tem promovido intercâmbios pessoais e de relações amistosas como base para o conceito de desenvolvimento embutido no ODA. A JICA objetiva a difundir projetos com expertise japonesa, a partir de ferramentas tais como o *kaizen* (melhoria contínua), que possam exportar a marca japonesa ODA (*Japaneseness*) para o mundo, em uma tentativa de aumento de sua influência. Houve historicamente por parte do Japão uma tentativa de seu utilizar de seu *soft power* para se diferenciar de outras nações asiáticas e de mitigar o estigma de uma nação insular. Nota-se por exemplo que a visão que o Japão desfruta no exterior é a de um país de forte “cultura ocupacional”, com fortes valores em torno do trabalho, com dificuldades em recrutar talentos estrangeiros (Conrad; Meyer-Ohle, 2019; Heng, 2020). Além disso, observa-se no contexto brasileiro que o *soft power* japonês

coexiste atualmente com o *soft power* chinês(Xiao, 2024) (ex: Instituto Confúcio) e coreano (ex: gastronomia e *pop culture*) e sua posição tem sido localmente e globalmente disputada (Ahn; Yoon, 2020; Carminati, 2020; Dirir, 2022; Huang, 2022; Jeong; Grix, 2023; Jin, 2024; Nukitrangsan, 2024; Paksiutov, 2023; Vassao, 2023; Yasuno; Yasuko, 2022).

Portanto, diante da proposta de *soft power* japonês por meio da JICA e das aparentes rivalidades locais com outras nações asiáticas relevantes em relações internacionais, questiona-se se o *soft power* japonês se encontra em estágio de maturação ou de estagnação. Essa indagação perpassa a necessidade de avaliar as diferentes configurações do *soft power* japonês no contexto brasileiro, visto que o ambiente agora tem novos *players* em relações internacionais. É fato que as relações internacionais entre Brasil e Japão tem sido bem avaliadas conforme mostrado nesta seção, mas pouca referência tem sido feita a esse novo contexto.

A próxima seção traz uma organização dos destaques deste referencial teórico que permite observar as lacunas que originaram a pergunta de pesquisa que norteia este projeto de pesquisa pós-doutoral.

Desafios do *soft power* japonês no contexto das relações internacionais entre Brasil e Japão

Nesta subseção, objetiva-se a apresentar os achados deste referencial teórico que permitem desenhar o contexto do *soft power* japonês no Brasil e seus desafios:

- a) O *soft power* japonês no Brasil não está mais sozinho, havendo crescente participação da China e Coreia do Sul, que podem ofuscar gradualmente o esforço japonês em solo brasileiro (Aukia, 2023; Botz-Bornstein, 2023; Carminati, 2020; Heng, 2020; Jeong; Grix, 2023; Kunkunrat, 2024);
- b) O *soft power* da JICA tem agido em contexto subnacional, com projetos relevantes, mas pouco se sabe sobre seus resultados concretos em termos de resultados (Kazuhisa, 2022; Shinichi, 2023; Söderberg, 2011)conforme estrutura analítica apresentada na Figura 1;
- c) Há escassez de pesquisas que mostrem as configurações do *soft power* japonês no contexto brasileiro, conforme o modelo de estrutura analítica da Figura 1 (Brannagan; Giulianotti, 2018);

- d) O *soft disempowerment* pode representar uma ameaça ao *soft power* japonês em termos de críticas que possam levar à ilegitimidade ou perda de credibilidade, como no exemplo de caça às baleias (Vail *et al.*, 2020); Seria efetiva a investigação de outros temas ou ações passíveis de desempoderamento brando que poderiam esmaecer o *soft power* japonês no contexto brasileiro;
- e) O conceito de *soft power* tem sido tratado sob o prisma americanizado com pouca análise sobre contextos de países de economias emergentes, para compreender suas nuances conceituais e peculiaridades locais;

4.2 Metodologia

Esta pesquisa se apoia no interpretativismo como paradigma, e pode ser classificada como qualitativa. Em termos epistemológicos, optou-se por uma postura que permeasse o realismo crítico, ao permitir que o autor interpretasse o fenômeno social, considerando as estruturas subjacentes ao *soft power* japonês no contexto brasileiro (Jeong; Grix, 2023). As fontes de dados para esta pesquisa abrangeram desde a revisão sistemática da literatura, associada a análise de alguns documentos oficiais do governo japonês e de mídia relacionado ao *soft power*, além de entrevistas com representantes da diplomacia pública japonesa no Brasil.

Em relação à revisão sistemática da literatura, foram selecionados inicialmente um total de 27 artigos dentre 101 de uma pesquisa de dados na base *Scopus* e *Web of Science* realizada em março de 2024. Seguiram-se os protocolos de investigação com base no objetivo geral da pesquisa. Como critério de inclusão, optou-se pelo filtro de artigos científicos publicados entre 2020 e 2024 e como critério de delimitação, escolheram-se o campo de conhecimento de “Relações Internacionais” e “Ciências políticas”. Realizou-se também uma triagem com base nos resumos, palavras-chave e títulos, excluindo-se artigos não revisados por pares e que não estivessem em inglês. Utilizaram-se operadores booleanos “and” para combinar as palavras-chave da pesquisa na base de dados (Ex: *soft power* “and” *Japan* “and” *Japan’s soft power*).

Foram excluídos os artigos que não tinha relação com o objetivo da pesquisa. Além disso, adotou-se a estrutura analítica da Figura 1 como referência, para analisar as configurações do *soft power* e *soft disempowerment* japonês no contexto brasileiro. Como parte essencial, esta pesquisa contemplou entrevistas semi-estruturadas com

autoridades do governo japonês (*Japan Foundation*, Câmara do Comércio e Indústria Japonesa do Brasil (CCIJB), *JICA*, *JSPS* e representante do *Study in Japan*) e Associações de cultura japonesa no Brasil, que foram analisadas por meio da técnica de análise temática (Al-Eisawi, 2022; Dubinsky, 2024; Gioia, 2021).

As entrevistas duraram cerca de 60 minutos em média e três delas foram realizadas em japonês (*Japan Foundation* e Câmara do Comércio e Indústria Japonesa do Brasil). As entrevistas foram gravadas quando realizadas presencialmente e transcritas por meio de software de transcrição (*Transcryptor/Tactics*) quando realizadas por meio de *Google meet*. Cada transcrição foi checada pelo pesquisador, para validar a confiabilidade do *corpus* textual. Um termo de consentimento livre e esclarecido foi apresentado a cada entrevistado, que diante da condição prévia de voluntarismo, não obrigatoriedade em responder às questões possivelmente desconfortáveis e sigilo de identificação pessoal, aceitou participar da pesquisa. Vale ressaltar, que conforme Resolução norma 510 de 7 de abril de 2016, do Conselho Nacional de Saúde (CNS), as pesquisas em Ciências Sociais e Humanas estão isentas de Comitê de Ética, quando almejam o aprofundamento teórico de situações contingenciais e espontâneas da prática profissional, sem identificar o sujeito conforme o artigo VII(Conselho Nacional de Saúde, 2016).

4.2.1 Perfil dos respondentes

O autor desta pesquisa foi convidado para o XVII Encontro Nacional das Associações de Ex-Bolsistas do Governo Japonês em 23 de março de 2024, na Embaixada do Japão em Brasília-DF. Esse evento ensejou o contato com várias Associações vinculadas a JICA e os Consulados Japoneses estabelecidos no Brasil. Estavam presentes o Embaixador do Japão, o Representante Chefe da JICA e presidentes de Associações de todas as regiões do Brasil. Esse contexto propiciou o contato com os entrevistados potenciais desta pesquisa. O pesquisador também se utilizou de contatos estabelecidos em eventos vinculados ao Consulado Geral do Japão em São Paulo, para estabelecer contatos e convites de participantes para as entrevistas. A participação em grupos de *whatsapp* de Associações de Ex-Bolsistas do Governo do Japão e da Embaixada do Japão também foram essenciais para acesso aos entrevistados. O Quadro 1 a seguir apresenta o perfil dos entrevistados,

que foram posteriormente representados como E1, E2, E3 (...), E18, para preservar o sigilo da identificação. As entrevistas foram realizadas do início de agosto até meados de outubro de 2024.

Quadro 1 - Perfil sócio-demográfico dos entrevistados

Órgão	Cargo	Gênero	Nacionalidade
1. <i>Japan Foundation (JF)</i>	Diretor-Geral	Masculino	Japonesa
2. <i>Japan Foundation (JF)</i>	Vice Diretor-Geral	Masculino	Japonesa
3. Câmara do Comércio e Indústria Japonesa do Brasil (CCIJB)	Secretário-Geral	Masculino	Japonesa
4. <i>Study in Japan</i>	Representante	Masculino	Brasileira
5. <i>Japan International Cooperation Agency (JICA)</i>	Assistente de Programa de treinamento	Feminino	Brasileira
6. JICA	Coordenadora de Projetos	Feminino	Brasileira
7. Japan Society for the Promotion of Science (JSPS)	Conselheiro	Masculino	Brasileiro naturalizado
8. Associação dos Bolsistas JICA SP (ABJICA)	Presidente	Feminino	Brasileira
9. Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa e de Assistência Social (<i>Bunkyo</i>)	Diretor Regional de Suzano-SP	Masculino	Brasileira
10. Associação Paranaense de Ex-Bolsistas Brasil-Japão (APAEX)	Presidente	Feminino	Brasileira
11. Associação Sul Brasileira dos Bolsistas no Japão (ASBBJ)	Presidente	Masculino	Brasileira
12. Associação Monbusho Alumni do Sul do Brasil (AMASB)	Presidente	Feminino	Brasileira
13. Tomodachi Rio	Coordenador Geral	Masculino	Brasileira
14. Associação Nordestina dos Ex-Bolsistas e Estagiários no Japão (ANBEJ)	Presidente	Masculino	Brasileira
15. ANBEJ	Conselheira	Feminino	Brasileira
16. Associação Brasileira de Ex-Bolsistas Brasil-Japão (ABRAEX)	Conselheiro	Masculino	Brasileira
17. Associação dos Ex-Bolsistas do Japão na	Presidente	Feminino	Brasileira

Amazônia Ocidental (AMEOJAPÃO)			
18. Associação Paraense dos Bolsistas Japão- Brasil (ABJB)	Presidente	Masculino	Brasileira

Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

Seria efetivo apresentar o contexto dos entrevistados apresentados no Quadro 1. A Fundação Japão (*Japan Foundation*) é um órgão vinculado ao Ministério das Relações Exteriores do Japão, para estabelecer o intercâmbio cultural e a compreensão mútua entre o Japão e outros países (Vyas, 2008). Seu escritório no Brasil se localiza em São Paulo e foi fundada em 1975. Trata-se assim de um relevante órgão oficial de *soft power* japonês em território brasileiro, assim como a Câmara de Comércio e Indústria Japonesa do Brasil (CCIJB).

A CCIJB se dedica a estreitar as relações e os negócios internacionais, desde comércio a cooperação industrial entre Brasil e Japão (de Sá, 2022). Na diretoria da CCIJB, observa-se a presença do Embaixador do Japão no Brasil e o Cônsul Geral do Japão em São Paulo, o que demonstra um alinhamento oficial com a política externa japonesa. O *Study in Japan* é um órgão vinculado ao Ministério da Educação, Cultura, Desporto, Ciência e Tecnologia do Japão (MEXT), que incentiva intercâmbio acadêmico e científico e apresenta as universidades japonesas aos estudantes brasileiros. A *Japan Society for the Promotion of Science* (JSPS) é uma instituição administrativa independente apoiada pelo governo japonês, que fomenta a cooperação científica internacional entre o Japão e o mundo e entre a comunidade acadêmica e as indústrias, por meio de bolsas de pesquisa científica em várias modalidades (Japan Society for the Promotion of Science (JSPS), 2023). Em relação a JICA, enfatiza-se que esta agência de cooperação internacional possui ampla capilaridade, com 15 escritórios domésticos no Japão e 103 escritórios internacionais. Vale lembrar que a JICA é responsável pela execução da Assistência Oficial para o Desenvolvimento (ODA), focada em países em desenvolvimento, que representa um braço do Ministério de Relações Exteriores do Japão por meio de sua diplomacia pública (Kazuhisa, 2022; Mozebackh, 2024; Söderberg, 2011).

No Brasil, mais de 12.000 pessoas já passaram por treinamentos da JICA e a Associação dos Bolsistas da JICA (ABJICA) congrega cerca de 1400 membros. A ABJICA congrega as associações de ex-bolsistas da JICA no Brasil, cujos presidentes

e representantes também estão contemplados na Figura 2, como participantes desta pesquisa (ABJB, ASBBJ, ABJICA-SP, APAEX, ANBEJ e ABRAEX). Essas associações vinculadas a JICA são aptas a receberem subsídios e apoiam a divulgação de bolsas de treinamento da JICA com foco em descendentes de japoneses (*Nikkeis*) e não descendentes vinculados à comunidade *Nikkei*. Outras associações vinculadas aos consulados regionais do Japão no Brasil estão comprometidas com a divulgação das bolsas MEXT (*Monbusho*) do Governo japonês, nas modalidades de treinamento, graduação e pós-graduação (AMASB, AMEOJAPÃO e TOMODACHI RIO).

4.2.2 Matriz de amarração teórica e roteiro das entrevistas

Os dados obtidos nesta pesquisa foram tratados por meio da técnica de análise temática (Creswell; Creswell, 2018; Dubinsky, 2024). Procedeu-se inicialmente uma pré-análise dos dados, a exploração dos materiais (documentos oficiais da JICA e Federação de Negócios do Japão (*Keidanren*), transcrições das entrevistas) e tratamento dos dados, que contemplou a leitura flutuante, o processo de codificação e categorização. O *software* de apoio à pesquisa qualitativa denominado Atlas TI 9.1.7.0 subsidiou a análise temática por meio da organização do *corpus* textual, recortes, marcações e síntese em códigos e categorias.

O Quadro 2 apresenta as categorias de análise extraídas da revisão da literatura, que compuseram a matriz de amarração teórica que nortearam as entrevistas semi-estruturadas com os agentes estatais e não estatais responsáveis pelo *soft power* no contexto brasileiro. Ressalta-se que os agentes estatais são representados pelos entrevistados pertencentes aos órgãos diretamente ligados ao governo do Japão (*Japan Foundation*, *Study in Japan*, *Câmara do Comércio e Indústria Japonesa do Brasil* e *JSPS*). Já os agentes não estatais contemplam os representantes das Associações culturais japonesas instaladas no Brasil.

Quadro 2 - Matriz de amarração teórica e roteiro das entrevistas

Categorias de análise	Indicadores/Temas	Autores
<i>Soft power</i>	Imagem do Japão na sociedade brasileira;	(Huseynova; Strategic, 2023; Jeong; Grix, 2023; Nye, 2019; Rusko, 2022)
<i>Soft disempowerment</i>	Aspectos indesejáveis das ações recentes do Japão na sociedade brasileira;	(Brannagan; Giulianotti, 2018; Dirir, 2022; Glosserman, 2020; Huang, 2022)
Contribuições atuais do <i>soft power japonês para a RI entre Brasil e Japão</i>	Benefícios das relações entre Brasil e Japão e aprendizados mútuos;	(Amorim; Ferreira-Pereira, 2021; da Silva-Oliveira <i>et al.</i> , 2021; Jeong; Grix, 2023; Söderberg, 2011)
Riscos do <i>Soft disempowerment japonês</i> no contexto brasileiro	Ameaças à imagem do Japão no contexto brasileiro;	(Amorim; Ferreira-Pereira, 2021; Aukia, 2023; Brannagan; Giulianotti, 2018; Nye, 2019; Rusko, 2022; Zhang, 2021; Zhou, 2022)
Configurações do <i>soft power japonês no Brasil</i>	Ações, modos e formas de operacionalização do <i>soft power</i> no contexto brasileiro;	(Carminati, 2020; Conrad; Meyer-Ohle, 2019; Heng, 2020; Kazuhisa, 2022; Shinichi, 2023; Söderberg, 2011)

Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

Esses indicadores/temas subsidiaram análise dos dados obtidos e compuseram o instrumento de pesquisa que ajudou o pesquisador em toda sua pesquisa de campo. O próximo capítulo apresenta os resultados obtidos sucedido da discussão teórica que evidencia as configurações do *soft power* e *soft disempowerment* japonês no contexto brasileiro.

4.3 Resultados

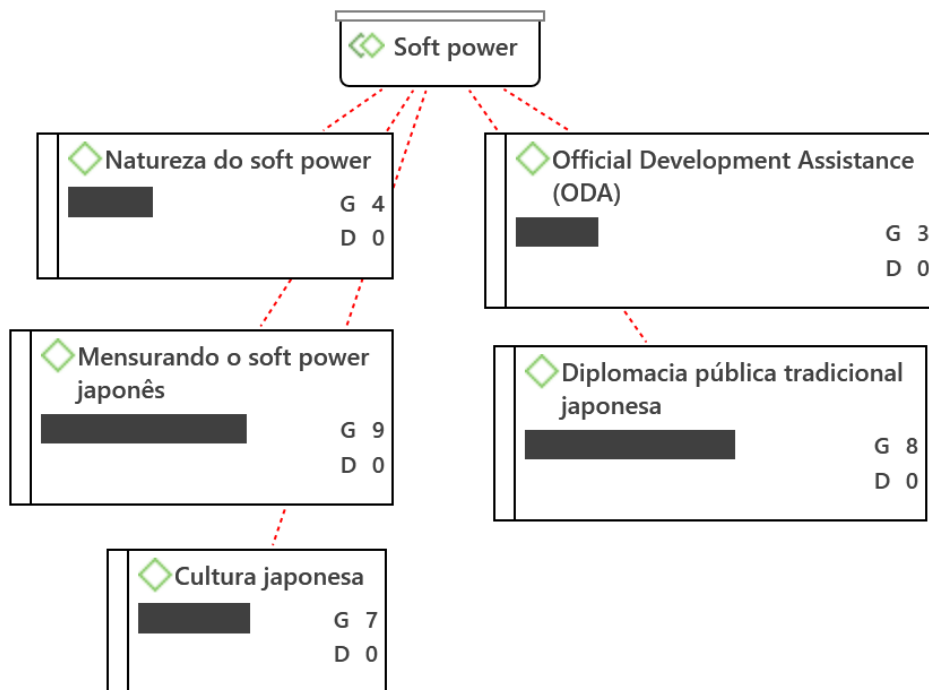
Aqui são apresentadas as categorias de análise da pesquisa de campo, juntamente com os códigos que as subsidiam sob o contexto da análise temática. As categorias encontradas foram respectivamente o “*Soft Power*”, “*Soft Power* Japonês e as Relações Internacionais entre Brasil e Japão”, “Configurações do *Soft Power* Japonês no Brasil”, “*Soft disempowerment*” e por último “Direção do *Soft Power* Japonês diante da China e Coreia do Sul”. Assim totalizaram-se cinco (5) categorias de análise, com destaque para a categoria “Direção do *Soft Power* Japonês da China e Coreia do Sul”, que representou uma categoria inovadora diante do referencial teórico apresentado. Para cada categoria foi elaborada uma figura por meio do *software* Atlas Ti 9.0, contendo a frequência de cada código, representativa da força de uma ideia, por meio do conceito “G” (*Groundedness*) e o indicador de densidade, por meio do símbolo “D” (*Density*), que representa o vínculo entre um código e outro. O indicador “D 0” significa que não houve vínculo entre os códigos encontrados.

Os entrevistados foram identificados como E1, E2, E3 [...] para agentes não estatais com 11 entrevistados (Presidentes de Associações Culturais e de Ex-Bolsistas do Governo Japonês que trabalham como voluntários) e EG1, EG2, EG3 [...] para agentes estatais com 7 entrevistados (Fundação Japão, CCIJB, *Study in Japan*, JICA, JSPS), conforme Figura 2.

4.3.1 *Soft Power*

Como categoria chave desta pesquisa, optou-se por iniciar a apresentação dos resultados por este tema. Essa categoria apresentou respectivamente cinco (5) códigos denominados de “Natureza do *Soft Power*, Mensurando o *Soft Power*, Cultura Japonesa, *Official Development Assistance (ODA)* e Diplomacia Pública Tradicional Japonesa”. Observou-se de antemão as dificuldades em definir e mensurar o *soft power*, mas chegou-se ao consenso de que a dimensão da cultura japonesa (ex: *manga*, *anime*, cultura do trabalho) associado ao ODA constituem elementos centrais desse construto no contexto brasileiro. Não obstante, houve diferentes percepções de agentes não estatais sobre a relação entre a diplomacia tradicional japonesa e a implementação do *soft power* Japonês no Brasil.

Figura 2 – Soft Power



Fonte: Dados da pesquisa a partir do Atlas Ti 9 (2025).

Os códigos “Natureza do *soft power*” e “Mensurando o *soft power* japonês” contemplam as singularidades desse conceito. Observa-se que os entrevistados veem o *soft power* como intangível, cíclico e de acordo com metade dos entrevistados, de difícil mensuração (G=9) em termos de resultados, principalmente no que tange à dimensão cultural, conforme ilustram E8, EG6 e EG7:

Assim eu acho que dizer que esse *soft power* é perpétuo [...] não, não é [...] a gente sabe que tem a famosa curva “s” né? tem seu ciclo de vida, né? (E8)

Porém, por outro lado, se mais pessoas decidirão ou não estudar japonês como você acabou de mencionar é uma questão diferente, e há muitas pessoas que pensam que se *Anime* é interessante, então tudo bem. Eu queria aumentar o número de alunos japoneses. Para fazer isso, acho que temos que nos promover mais. (EG6, EG7)

Afinal, quando se trata de cultura, mesmo que as organizações de intercâmbio internacional realizem muitos projetos culturais, é difícil explicar quando perguntado: Quais são os resultados? (EG6, EG7)

Mesmo diante do desafio de mensurar o *soft power*, os agentes estatais se esforçam para medi-lo utilizando variadas métricas tais como participação em eventos culturais, número de curtidas em *posts* nas redes sociais e participação em eventos

online, visitas às exposições promovidas pelo governo japonês (ex: *Japan House*), número de estudantes da língua japonesa, entre outros. Essas métricas não são padronizadas ou consensuais, sinalizando a intangibilidade desse conceito (EG4), mas deveriam medir o impacto social sob o olhar das autoridades brasileiras (ex: executivo e legislativo) e por meio dos agentes não estatais que se dedicam ao *soft power*, como no caso dos ex-bolsistas da JICA (E11):

Perfeito, acho que a gente também utiliza muitos medidores. O primeiro deles é a quantidade de pessoas que participam dos nossos eventos. Se há interesse ou não, acho que o número de participantes é um grande medidor, é fundamental e até tem muitas pessoas... a gente tem recebido muitas pessoas nos eventos então parece que a coisa está indo bem [...] uma outra métrica seria a das redes sociais. (EG4)

Uma forma de medir é aproximar dos poderes constituídos, principalmente o executivo e legislativo do país. Como é que anda a relação, não é? qual esses impactos positivos? Na leitura deles. Acho que é um ponto importante. Outro ponto importante, as associações têm um papel fundamental nisso aí. Hoje nós somos acho que talvez mais de 12 mil ex-bolsistas e estagiários (JICA). E de alguma forma mesmo com distanciamento desses bolsistas que é um fenômeno que acontece aqui no Brasil, a gente tem contato com uma boa parte e é uma forma de medir né? Ouvir as Associações. (E11)

Há o reconhecimento da força da cultura japonesa e de seus artefatos (ex: *Manga*, *Anime* dentre outros), que se ligam ao modo como o *soft power* japonês vem sendo promovido e mantido:

Em termos de saber se a cultura está a ficar mais forte ou não, acho que está a ficar mais forte, e penso que isso se deve à influência do *Manga* e do *Anime*. (EG6, EG7)

Mas a modificação do Japão por todo histórico, ela é muito lenta. (E2)

A cultura japonesa ela é vista como a cultura muito forte. Entendeu? a cultura de preservação do trabalho da questão da todos esses pontos aí que a cultura japonesa transmite. (E8)

Outro aspecto relevante do *soft power* dentre os respondentes é a Assistência Oficial para o Desenvolvimento, denominada pela sigla ODA (*Official Development Assistance*), que constitui o pilar das relações exteriores do Japão com Países em Desenvolvimento. A implementação do ODA, conforme apresentado anteriormente é responsabilidade da JICA:

O ODA no Brasil já tem 65 anos. No caso do Brasil não há muitos projetos não reembolsáveis. O objetivo da JICA é melhorar a vida da população brasileira e utiliza-se o dinheiro dos impostos do povo japonês. Há investimento em técnica e infraestrutura. (EG2)

Observou-se também que a diplomacia pública tradicional japonesa no contexto brasileiro foi caracterizada por restrição orçamentária para os consulados, rotatividade de Cônsules (E2) e percepção diferenciada acerca da função de *soft power* (E7 e E9). Houve casos de entrevistados que apontaram o *soft power* como responsabilidade de agentes estatais e da diplomacia tradicional japonesa e outros em que o *soft power* não foi reconhecido como uma parte da política externa japonesa (ex: E9):

Como eu vou dizer assim, eu acho que [...] Eu acho que o Japão é longe né do Brasil. A gente gostaria de ter mais contato né, uma coisa que dificulta muito o nosso trabalho é que a gente não tem muita relação mais próxima do Consulado ou do trabalho do Consulado, né? [...] a cada dois anos aparece um Cônsul diferente. (E2)

A gente sabe que a diplomacia por meio do *soft power* é um dos pilares principais da política externa. (E7)

Pode divulgar isso, mas assim deveria ter um programa de estado, né? Um programa nacional do Japão como a Coreia tem [...] mas de realmente ter um protocolo a seguir para promover a divulgação das Artes, né? (E9)

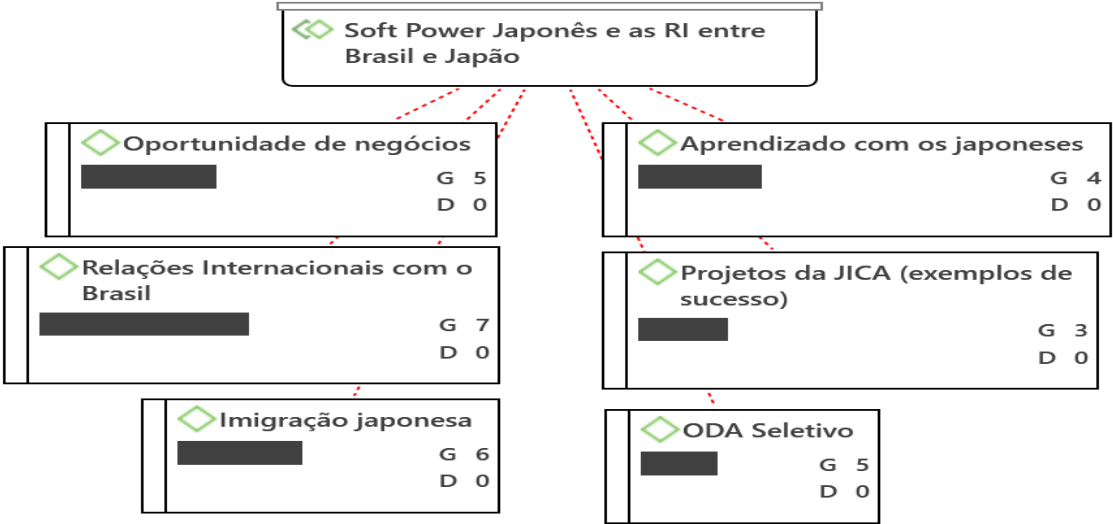
Embora o conceito de *soft power* seja amplamente divulgado na área de Relações Internacionais, ainda há aparente dúvida ou desconhecimento dos agentes que o praticam. Isso foi denotado na revisão da literatura e evidenciado nesta subseção, em termos de falta de uniformidade de definição e mensuração de seus impactos. Apresentou-se nesta seção que até mesmo os agentes estatais que promovem o *soft power* apresentam indagações sobre a abrangência de seus efeitos e resultados concreto. Há no entanto o empenho em continuar o que vinha sendo feito, tais como o ODA e a promoção cultural japonesa, mesmo apesar de desafios advindos de questões orçamentárias e estruturais. A próxima categoria apresenta as reflexões dos entrevistados acerca da relação do Soft Power Japonês e as relações internacionais entre Brasil e Japão.

4.3.2 Soft Power Japonês e as RI entre Brasil e Japão

Essa categoria emergiu do conteúdo das entrevistas e evidenciou conforme visto na literatura que o Brasil e Japão possuem uma relação internacional consolidada em termos de projetos de cooperação, intercâmbio e ODA. Os códigos formadores dessa categoria elucidaram respectivamente um histórico de “*Soft Power* e as RI com o Brasil, Imigração Japonesa, Oportunidade de negócios, Aprendizado

com os japoneses, projetos da JICA e ODA seletivo”, conforme apresentado na Figura 3.

Figura 3 – *Soft Power Japonês e as RI entre Brasil e Japão*



Fonte: Dados da pesquisa a partir do Atlas Ti 9 (2025).

Neste ano de 2025, o Brasil e Japão celebram 130 anos de relações diplomáticas conforme anúncio dos agentes estatais do *soft power* japonês no Brasil. No ano de 2024, a vinda do Primeiro-Ministro Kishida ao Brasil sinalizou a importância do Brasil para o Japão, devido ao seu histórico de imigração japonesa, com cerca de 2,7 milhões de descendentes, conforme ilustra EG5:

O Brasil é um país especial e, seja ou não o verdadeiro *soft power* do Japão, o Brasil é o lar de um grande número de pessoas de ascendência japonesa. Portanto, o entendimento do Japão sob uma perspectiva histórica se aprofundou e acredito que uma certa quantidade de DNA japonês foi introduzido no solo brasileiro. Isso é diferente de outros países, certo? Eu acho que essa é a base. (EG5)

Vale ressaltar que a imigração japonesa para o Brasil seguiu uma tendência de política externa para lidar com as condições ao final da Segunda Grande Guerra Mundial, dentre elas escassez de alimentos, fim das colônias japonesas e as condições do período de reconstrução:

Digo 10 anos porque o Brasil rompeu as relações diplomáticas com o Japão em 1942 e só veio ressuscitar através do Tratado de São Francisco de 1951, que entrou em vigor em 1952. E aí em 1952 reiniciou a imigração, e o Japão estava absolutamente [...] numa situação difícil economicamente havia 7 milhões de japoneses que estavam voltando do exterior soldados e civis e aí não existiam mais as colônias nem Taiwan nem a Coreia então além de não

ter mais as colônias 7 milhões de soldados e civis que estavam na Ásia voltaram para o Japão e aí, para alimentar toda essa gente, era difícil. E aí, então, o Japão reiniciou a imigração. (EG3)

A imigração japonesa viabilizou paralelamente relações internacionais profícuas entre ambos os países, visto que o Japão enxergava no Brasil e na América Latina possibilidades de amplo fornecimento de matérias-primas para sua economia. Não obstante este papel que o Brasil iria desempenhar como “celeiro do Japão”, hoje, esse papel passou a ser protagonizado pela China, conforme menciona EG3:

O Kakuei Tanaka, primeiro-ministro, ele foi a pessoa que fez o reatamento da relação diplomática do Japão com a China na década de 70, mas ele nunca esperava que um dia a China viesse a ser o fornecedor de alimentos agrícolas para o Japão. Tem contratos de produção agrícola entre China e Japão, na área privada, claro. Hoje a China fornece grande quantidade de materiais agrícolas, de produtos agrícolas para o Japão. Mas o Kakuei Tanaka jamais imaginava que isso pudesse acontecer, então ele veio para o Brasil e achou que o Brasil poderia ser o celeiro do Japão. O Brasil seria o fornecedor de alimentos. Isso porque o Richard Nixon, presidente dos Estados Unidos, embargou a exportação de soja para o Japão. (EG3)

Além desse interesse histórico, as práticas de *soft power* japoneses no Brasil, como concessão de Bolsas de Estudos e ODA, viabilizaram um ambiente propício às relações internacionais desde seu início, conforme menciona E6:

Porque o bolsista às vezes é um presidente de uma empresa... alguém quer ter uma entrada naquela empresa para poder ter uma oportunidade de negócio [...] pronto, já fechou essa ponte, isso também é bom para o Japão, né? (E6)

Do ponto de vista da JICA, o Brasil já é um considerado um país que se destaca dentre os países de economia emergentes, pelo crescimento obtido e relativo desenvolvimento alcançado. Conforme os entrevistados, a JICA teve no Brasil inúmeros projetos bem-sucedidos, que muitas vezes são desconhecidos dos próprios brasileiros, tais como a transformação do Cerrado em potência agrícola de soja e o fim das enchentes na Marginal Tietê em São Paulo (EG3). Isso leva o Brasil a ser visto de modo seletivo (ODA Seletivo) pela JICA, sem a necessidade de ser “muito ajudado”. O ODA no Brasil tem focado em projetos de Parcerias Público Privadas (PPP) e parcerias que demandam a participação do Brasil como agente multiplicador e difusor de conhecimento para outros países, conforme EG1 e EG2:

Já não é mais aquele país de 20 anos atrás quando a JICA ajudava muito. Ela precisa hoje ajudar países em piores condições do que o Brasil. né? E hoje está sendo um foco muito grande na África, né? (EG1)

Gostaria de ressaltar que o lado do Brasil é aberto e acolhedor e o Brasil já tem conhecimento para disseminar. Quando o Brasil é chamado, ele se sobressai, pois há pessoas capacitadas que trocam conhecimento. (EG2)

Outro elemento de destaque desta categoria é o “Aprendizado com os Japoneses”, que aponta a admiração por parte de agentes não estatais de *soft power* japonês no Brasil pela história de reconstrução e resiliência do Japão. Há a percepção geral de que o Brasil poderia aprender e emular práticas japonesas e isso passa a ser enfatizado como uma imagem atrativa e de referência, conforme afirma E6:

Esse reconhecimento também existe tudo isso e tem a questão de querer ajudar o Brasil porque eu vejo como eles, por que que eles chegaram onde chegaram? Porque que eles reconstruíram e o Japão se reconstruiu, que tem gente que ah [...] porque se reconstruiu depois da Segunda Guerra assim, mas não foi uma única vez que o Japão se reconstruiu, que Tokyo se reconstruiu. (E6)

Observou-se nesta seção que o *soft power* japonês tem contribuído para as relações internacionais entre Brasil e Japão de modo consistente, mantendo os acordos de cooperação mútua, os investimentos seletivos por meio do ODA da JICA, os intercâmbios culturais, acadêmicos, dentre outros. O Japão historicamente via o Brasil como “celeiro” (EG3) de alimentos e uma base importante em função da comunidade Nikkei aqui instalada, o que reforça sua aceitação e legitimidade.

Não obstante, a dependência do Japão aos produtos agrícolas chineses ocorreu de modo inusitado, sem diminuir, no entanto, a relevância das RI com o Brasil. O *soft power* tem fundamentado uma imagem de atratividade do Japão no que tange ao poder de reconstrução e resiliência do Japão perante seus desafios históricos e geográficos. Não obstante, seria efetivo se aprofundar nas configurações do *soft power* japonês no Brasil, diante de desafios contemporâneos.

4.3.3 Configurações do *Soft Power* Japonês no Brasil

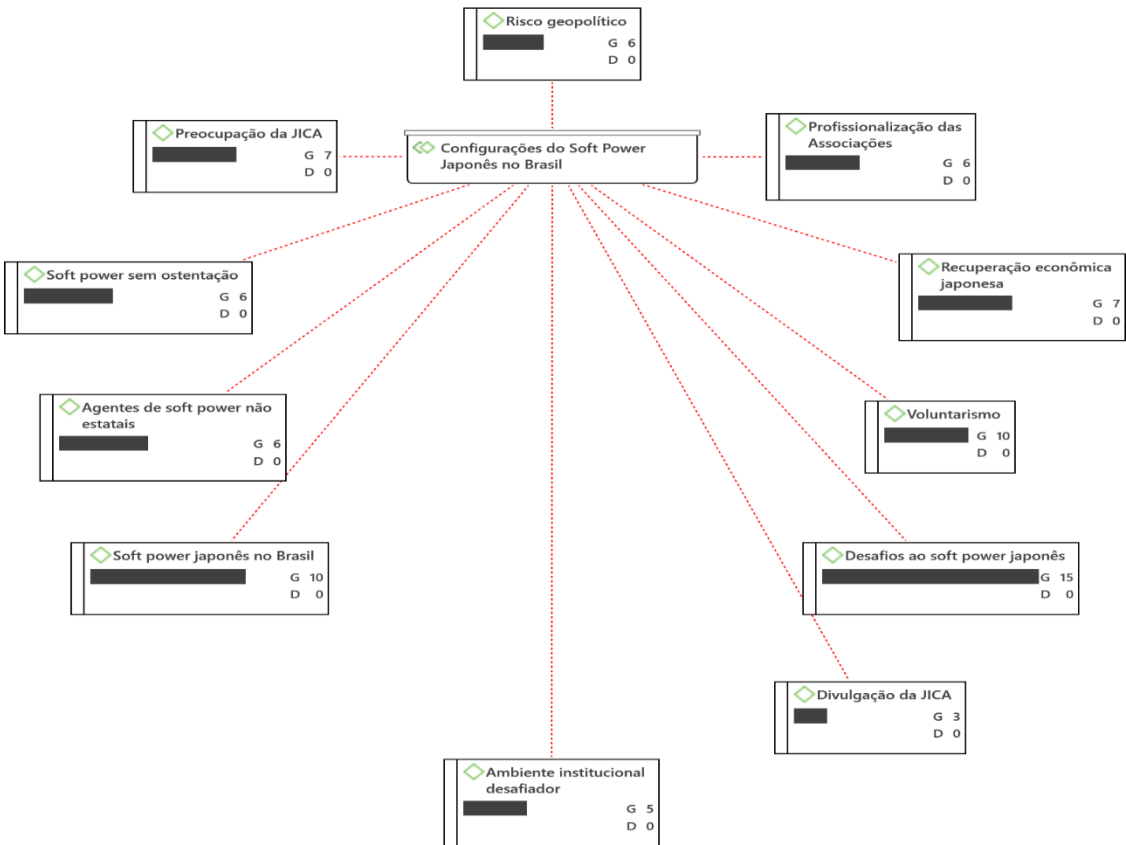
Esta categoria expressa a junção de códigos que permite um diagnóstico de como se caracteriza e se manifesta o *soft power* japonês no contexto brasileiro. Os códigos contemplam as reflexões e citações de agentes estatais e não estatais que exercem o *soft power* japonês no Brasil, permitindo um olhar crítico e realista sobre o alcance e desafios atuais. A Figura 3 contempla códigos que apresentam aspectos geopolíticos, governamentais e locais e mostra o aparecimento de dois grupos dentre

os entrevistados.

O primeiro grupo é formado pelos agentes não estatais que majoritariamente acreditam que o *soft power* japonês no Brasil está estagnado e até certo ponto esmaecendo. Essa estagnação do *soft power* japonês seria causado por questões diversas, envolvendo o funcionamento das Associações Japonesas, a economia e geopolítica japonesa, a presença local do *soft power* chinês e sul coreano e os limites do voluntarismo.

Já o segundo grupo formado pelos agentes estatais acredita que o *soft power* japonês coexiste e avance paralelamente (*yokonarabi*) com o *soft power* chinês e coreano, sem reconhecer claramente que esteja ocorrendo uma perda de *soft power*. Esse segundo grupo se apega à manutenção da dimensão cultural de *soft power* em que o Japão sempre foi forte (ex: *Manga*, *Anime*, *Gastronomia*, etc.). Não obstante, esse grupo se mostrou consciente dos desafios econômicos e orçamentários, geopolíticos e institucionais que afetam o *soft power* japonês no Brasil.

Figura 4 – Configurações do Soft Power Japonês no Brasil



Fonte: Dados da pesquisa a partir do Atlas Ti 9 (2025).

A Figura 4 apresenta os códigos oriundos de dois grupos de entrevistados (agentes estatais e não estatais) e por isso a sua apresentação seria efetiva a partir dessa divisão. Do ponto de vista dos agentes não estatais, observa-se que o governo japonês e a diplomacia pública japonesa têm investido em bolsas de pesquisas para brasileiros que possam retornar como embaixadores informais ao Brasil, conforme E6. Esses embaixadores informais seriam, portanto, Agentes de *soft power* não estatais:

Um dos objetivos do Japão ao fornecer essas bolsas de estudo é formar embaixadores do Japão, né? Depois que a gente vai para o Japão, vive estuda lá e volta para os países de origem, até vai para outro, né? A gente acaba né muitos né? Pelo menos acabam sendo porta-vozes. É uma estratégia de país, né? Que que foi adotada pelo Japão já há muito tempo. (E6)

Desse modo os agentes não estatais como ex-bolsistas do governo japonês assumiriam posições relevantes e defenderiam o Japão e sua influência no Brasil. Outro braço importante dos agentes estatais, que serve aos interesses da diplomacia tradicional japonesa são as Associações Culturais Japonesas, com eventos e promoção da cultura japonesa para a população local. Houve um conjunto de citações (G=6) sinalizando a necessidade de profissionalização dessas associações. Essas associações colaboram na divulgação e exercem o *soft power* japonês no Brasil, mas atualmente enfrentam limitações orçamentárias (E6) em função da recuperação econômica japonesa, dependendo amplamente do voluntarismo para funcionarem:

Então essa Associação ela podia funcionar talvez com uma empresa como se fosse uma empresa, né, que estaria ligado ao Consulado, né? Estaria prestando serviços à comunidade e recebendo por isso se mantendo por isso por esse serviço à comunidade, é claro que utilizando de toda a tecnologia de todos os ensinamentos japoneses. Mas por que não fazer consultorias fazer projetos? [...] E aí pegaria financiamento tanto do Japão quanto do Brasil? (E5)

E aí fica difícil fazer propaganda também por mais que se deseja fazer algum tipo de propaganda que você precisa ter financiamento aí a concorrência, por exemplo, com a China atualmente tem mais dinheiro para fazer. Isso daí, talvez seja uma solução, para o Japão falar das associações, mas uma solução para o Japão para fomentar isso daí, seria incentivar a iniciativa privada, não depender de dinheiro de governo. Seguir o exemplo dos Estados Unidos, né Hollywood não tem dinheiro de governo, a gente tem os incentivos. (E6)

Conforme os entrevistados desse grupo de agentes não estatais, as atividades das associações têm como base o voluntarismo e o sentimento de gratidão pelas bolsas de estudos recebidas do governo japonês (ex: Bolsas da JICA ou Bolsas MEXT, dentre outras). Mas o voluntarismo não é algo consistente o suficiente para

manter as atividades da Associação, em termos de cumprimento de tarefas operacionais, podendo levar também ao cansaço e descontinuidade (E8, E5 e E10):

A grande dificuldade né? é você encontrar pessoas que queiram se engajar. Na associação, né? Trabalhar mesmo, é trabalhar mesmo, né? Então assim é doação mesmo. Eu preciso de alguém que faça uma procuração para gente entendeu? Para? Fazer operacional, né? daí as pessoas não querem fazer operacional, entendeu? Isso aí é complicado, né de disponibilizar. Talvez tenha da minha parte também, né? Tem que melhorar essa forma de gestão também. Tem que olhar para isso [...] O ano passado a JICA ajudou a financiar aí... Eu contratei um escritório de advocacia. Justamente eu estava preocupado que a gente não está cumprindo o estatuto. (E8) Que não tem tantas pessoas assim pensando dessa maneira, você vai fazer uma bolsa no Japão, volta grato, fica voluntário uns dois anos. Mas cansa com o tempo. Cansa tem outras atribuições outras atividades e você pode pegar uma fase ruim que ninguém queira fazer. Como já aconteceu em várias associações, por exemplo de não ter presente não tem ninguém que queira. (E5)

É voluntário mesmo, 100% (E10).

Do ponto de vista do governo japonês, o *soft power* japonês no Brasil deve ser preservado, devido à importância geopolítica do Brasil para o Japão, conforme visto anteriormente. Vale ressaltar que os agentes estatais manifestaram claramente que o Brasil é relevante como um país rico em recursos naturais, pelo seu território e proximidade com o Japão, em função da comunidade Nikkei aqui instalada. Assim perder essa influência seria visto como algo preocupante (EG4). Paralelamente, a inserção do Brasil no BRICS, composto por China e Rússia não parece ser algo confortável para o Japão que pode ser associado a um risco geopolítico, conforme afirma EG6:

Porque é um país distante, fica na América do Sul, o Brasil tem reservas tem recursos naturais que são fundamentais para a humanidade inteira. Então, eu não vejo porque o Japão só tem a perder caso perca essa parceria, sabe? Então tem muito a perder e a China está fazendo investimentos na América do Sul inteira na África. E o Japão tenta manter a presença, né? Talvez puxando por essa questão histórica, não sei se já não consegue seguir ou não tem fôlego para seguir o volume de investimentos que os chineses fazem no Brasil. Mas essa presença através de *soft power* existe, né? A gente vê né pelos produtos culturais. Mas em termos geopolíticos o Brasil é fundamental. (EG4)

Afinal, o Brasil é um país com certo grau de relacionamento com a Rússia e a China, por isso estou preocupado com o que acontecerá lá no futuro. (EG6)

Os agentes estatais e não estatais se empenham em exercer o *soft power* japonês no Brasil. Utilizam-se os ex-bolsistas do governo japonês como agentes multiplicadores (E9) e projetos culturais em um ambiente propício aos negócios (EG5 e EG6). Não obstante há uma percepção por parte de agentes não estatais de que o

soft power está embasado na imagem que o Japão sempre teve no Brasil, sem modificações, como exemplifica E8 com a culinária japonesa:

Eles não têm intenção e nem dinheiro para mexer na parte governamental, né? E mesmo porque não existem amizades entre países existem interesses momentâneos, né? Então o que eles apostam muito é que os bolsistas do Japão que estão espalhados pelo mundo, que eles divulguem mais a sua impressão positiva a respeito do país e assim eles criam essa rede assim sabe mais capilar, né favorável ao Japão. (E9)

Qual é a visão que eu tenho hoje o Japão hoje no Brasil? Ele é visto como sushi? né, a culinária a culinária é o restaurante japonês que você vai comer sushi, sashimi e tal, né? Que eu adoro, né? Eu adoro, mas é isso. (E8)

Acho que é muito fácil fazer projetos de intercâmbio cultural no Brasil. Afinal, existem pessoas de muitas etnias diferentes e é difícil dizer de qual país elas gostam ou não gostam. Além disso, pessoas de ascendência japonesa representam 1% da população, e a existência de ascendência japonesa e do Japão é bem reconhecida no Brasil e, além disso, há também a popularidade de *Animes* e *Mangas*. A Fundação Japão não apenas promove a cultura pop, mas também apoia a cultura tradicional, a língua japonesa e pesquisadores universitários que estudam a língua japonesa. Porém, acho que o ambiente aqui é muito propício para negócios que promovam a cultura pop (EG5 EG6)

Há, portanto, um sentimento, principalmente entre os agentes não estatais de um enfraquecimento do *soft power* japonês no Brasil, conforme afirmam E8 e E9 sob o código “*Soft power* sem ostentação”:

Seguinte, o que o que o Japão no meu entendimento vende hoje é o que ele vendia na década de 80 na década de 70. Ele está vendendo sempre a mesma coisa tá entendendo? (E8)

Eu acho que a gente está perdendo de 7 a 1, sabe? (E9)

Dentre as causas desse possível enfraquecimento, podem ser enunciados alguns elementos identificados na análise do *soft power* da JICA sob os códigos “Divulgação da JICA” e “Preocupação da JICA”. Essas causas estariam ligadas à divulgação incipiente dos projetos por parte da JICA, a perda de voluntários, a queda de interessados no estudo da língua japonesa por parte dos descendentes (Nikkeis) e o desafio de conquistar as novas gerações:

Acho que sempre falta melhorar essa parte da divulgação. Agora temos o website e utilizamos as mídias (redes sociais) para atingir públicos diferentes. Por exemplo, eu mesma achava antes que a JICA era uma instituição que concedia bolsas para Nikkeis, pois não conhecia as atividades da JICA. Temos agora promovido melhor as redes sociais, o festival do Japão (Recife, Brasília, Minas Gerais e RJ). Há também as associações de ex-bolsistas que tem recebido apoio para atividades, não chega a ser como o BID ou Banco Mundial. Há um esforço atual para mais divulgação e ponte cultural, só que em conjunto, por meio de um desenvolvimento aberto. Há os bolsistas que retornam e ajudam a disseminar o conhecimento. Existem coisas que o governo japonês divulga lá, por exemplo a divulgação de uma lei no

Japão e que os descendentes aqui não ficam sabendo; O que se quer promover é a troca de amizade por meio dos bolsistas do Brasil. (EG1; EG2)

O que eu falo é que essas entidades têm dificuldade de voluntários (E3)

Os descendentes não estão estudando japonês como deveriam, né? Assim está diminuindo, né? e claro que tem muitos não descendentes estudando japonês, mas têm muitos estudando chinês, né? (E5)

Um dos efeitos do *soft power* conforme visto na revisão da literatura é o aumento do nível de atratividade do país que resulta também em investimentos e negócios. Há uma linha tênue na demarcação conceitual, visto que o *hard power* está conectado à parte econômica de influência, que é retroalimentada pelo *soft power* e vice-versa. Conforme EG3 o “Ambiente institucional desafiador” brasileiro tem dificultado os negócios japoneses, resultando em um total de 300 empresas japonesas instaladas no Brasil, contra 1700 no México (EG3). Com menos empresas japonesas, há por exemplo menor possibilidade de ajuda ou doações para causas do *soft power* japonês no Brasil, tais como ajuda às Associações Japonesas, etc.

Bom, e nas indústrias pesadas, então teve esses três setores, depois mais tarde vieram outras indústrias, mas infelizmente, como o Brasil não ofereceu muita chance de ganhar dinheiro, e muitas regras, e muita burocracia, então o que que acontece? Hoje, fala-se que existem 700 empresas japonesas no Brasil. Na verdade, entretanto, são cerca de 300. Porque 400 são filiais das empresas japonesas que estão aqui em São Paulo. Então, na verdade, são 300. Agora, o México entrou em crise junto com o Brasil em 1982, nos Estados Unidos, né? Tem aquela área de maquiladora etc. e tal. Hoje tem mais de 1.700 empresas japonesas no México, estão todas produzindo etc. E eu vi lá o empresário japonês, um expatriado japonês do México, que dizia, olha, aqui no México é muito fácil de fazer negócio. Não tem tanta burocracia como no Brasil. Esse expatriado serviu no Brasil também. Não, o Brasil tem [...] cheio de regras e essas regras funcionam quando mais deveria ter flexibilidade. Então reclama-se muito disso. Tem órgãos reguladores aí, a ANVISA, por exemplo, a ANVISA, o INPI, etc. Todos esses órgãos reguladores, enfim, claro, não estou dizendo que não deve haver órgãos reguladores, tem que existir em todo lugar, mas, enfim, o japonês reclama de muito exagero de órgãos reguladores e que não conseguem fazer nada. Se houvesse maior facilidade, então, teria havido maior investimento, muito mais investimento, muito mais empresa japonesa, né? A Indústria naval, bom, a Ishikawajima teve que vender a estaleiro dele, né? (EG3)

O código “Desafios ao *soft power* japonês” foi o que contemplou a maior frequência em número de citações (G=14), com cerca de 77% dos entrevistados reconhecendo um ou outro desafio à manutenção do *soft power* japonês no contexto brasileiro. Para apresentação desse código, optou-se em dividir a análise em dois grupos (agentes não estatais e agentes estatais). Observou-se em um primeiro

momento que os agentes não estatais pareciam mais contundentes em afirmar que esteja ocorrendo um esmaecimento do *soft power* japonês. De acordo com esse grupo de agentes estatais, o *soft power* japonês tem sofrido em função da reação demorada do Japão em reagir ao *soft power* da China e Coreia do Sul, ao *marketing* incipiente, e à falta de uma política nacional nítida como o *soft power* Sul-Coreano e Chinês, conforme ilustram respectivamente E4, E1, E5, E8 e E11:

Se a gente for falar de uma maneira geral, é, nos últimos anos parece que estagnou ou regrediu. (E4)

Se não tiver projetos de ampliação de apoio né e de inserção você não vai trazer a cultura e aí realmente a cultura da China e a da Coreia elas vão entrar com muito mais gás. (E1)

Você vê que tem muita coisa no Japão que ainda é bem antiquada, né? Eu acho que o Japão demorou um pouco na questão de melhorar a questão do marketing. Eu não vejo isso como uma questão do Brasil, sabe? (E5)

Porque você sabe também melhor do que eu que a economia chinesa cresceu de uma maneira avassaladora então. O Japão perdeu muito terreno. E assim agora voltando mais objetivamente para sua pergunta. E até indo além um pouco, eu acho em relação a sua pergunta, eu acho que para o Japão recuperar esse terreno não só no Brasil, mas na América Latina só por meio do *soft power* [...] É complicado é eu não estou discordando ou negando a importância do *soft power*, acredito nisso, eu acredito nisso. (E7)

A gente assim eu me coloco como Japão nesse caso, né pela própria ascendência, mas a gente está perdendo muito esse *soft power* tanto para Coreia quanto para China, né? No caso da Coreia, eles têm uma estratégia que é uma estratégia de estado mesmo é com foco realmente cultural então se você pegar o início da Coreia do Sul, né? A gente fala, qual é a da Coreia do Sul, né? O início da Coreia começou a bombar foi com aquele *Gangnam Style*, né? E meu marido foi atrás de ver como é que pode, né? O cara canta uma música que nem é a nossa língua, a gente nem entende e a gente canta junto, né? Como é que esse negócio conseguiu explodir e no rastro dele vieram tantos grupos de *k-pop*, não sei o que, existe uma agenda nacional deles assim tem um manual [...], né, o manual para essas bandas seguirem aquela receita. (E9)

Mas olhando de uma forma mais ampliada é isso que você acabou de dizer, né? Olha, e o Japão tem essa importância, mas perdeu um pouco, né? Há uma certa demora muitas vezes nas propostas, avalia para lá, avalia para cá, análise de um lado análise do outro. Isso é muito cultural também. Porém tem ... existem coisas na atualidade que requer uma certa agilidade, né? (E11)

Já o grupo de agentes estatais foi comedido ao reconhecer a situação do *soft power* japonês no Brasil, demonstrando os desafios orçamentários para o caso da JICA por exemplo, a continuidade dos programas de bolsas de estudos no Japão para brasileiros e as recomendações de ajustes de atividades para o mercado brasileiro (ex: dublagem para o português de seriados japoneses na Netflix), conforme mostram EG1, EG2, EG3 e EG5:

As atividades da JICA dependem do orçamento do Japão e de sua economia e pode haver uma limitação orçamentária, pois o Brasil por exemplo não precisa tanto como outros países fora da América Latina. (EG1; EG2)

Sim. Muita gente está indo estudar na China. O Japão continua oferecendo bolsas de estudo etc., mas muito modesto. (EG3)

Isto é o que estou dizendo aos editores japoneses e às pessoas que fornecem a Netflix. Pedi que dublem, que façam dublado, senão nunca terá sucesso aqui. (EG5)

Há também a confiança nas vantagens e atratividade que o Japão tem a oferecer e que são pouco divulgadas ao público local, aliada ao “eurocentrismo” brasileiro. Assim o *soft power* japonês ainda teria grande potencial no contexto brasileiro se houvesse melhor divulgação de informações, conforme citação de EG4:

E quando a gente fala de intercâmbio, Japão, eu sinto que o Brasil ele é muito eurocêntrico. A gente é uma colônia europeia, né e por muitos anos a Europa e Estados Unidos países de língua inglesa e os pais europeus, eles são destinos tradicionais para classe alta, quem é classe média, classe média baixa geralmente faz intercâmbio nos países da América do Sul? Paraguai Bolívia ali tem cursos de medicina que são mais acessíveis então muita gente acaba fazendo intercâmbio ali perto do Brasil, Argentina também, né hoje em dia acho que a Argentina ou Paraguai. Mas quando se pensa em intercâmbio para fora da América do Sul, América Latina, geralmente algum pezinho de língua inglesa ou Portugal ou Espanha? E o Japão, ele acaba sendo uma opção uma das últimas opções. Pelo que a gente pode ver, há falta de informação. E aí que esteja apenas a gente para tentar suprir essa falta de informação e quebrar a ideia de que o Japão é um país caro para fazer intercâmbio, que quando a gente põe na conta do lápis e compara com os países europeus e americanos, o Japão é muito mais acessível. (EG4)

Os agentes estatais se mostraram cientes da falta de uma coordenação por parte do governo japonês em torno de um esforço concentrado de todo o país para obterem os mesmos resultados da Coreia do Sul. Assim, maior folga no orçamento e estratégia que aproveite o *networking* de pesquisadores no Brasil se tornam fundamentais (EG6 e EG7):

Infelizmente, a situação atual é que o governo e os políticos japoneses estão nos dizendo para fazer alguma coisa, mas eu me questiono se estamos gastando mais dinheiro e trabalhando seriamente nisso como um país inteiro. Não é o caso, certo? olhe para o Japão. Se não trabalharmos juntos como um todo, não conseguiremos alcançar os mesmos resultados que a Coreia do Sul. (EG6; EG7)

O Brasil é um país muito grande, e as pessoas que pesquisam determinadas áreas no Japão estão espalhadas por diferentes cidades. O *networking* lá ainda não está muito desenvolvido, e gostaria de fortalecê-lo um pouco mais, existem eventos e coisas assim. Você precisa realmente querer apoiar a sociedade, mas precisa investir em alguma estratégia e orçamento nisso, então acho que isso é um problema (EG6, EG7)

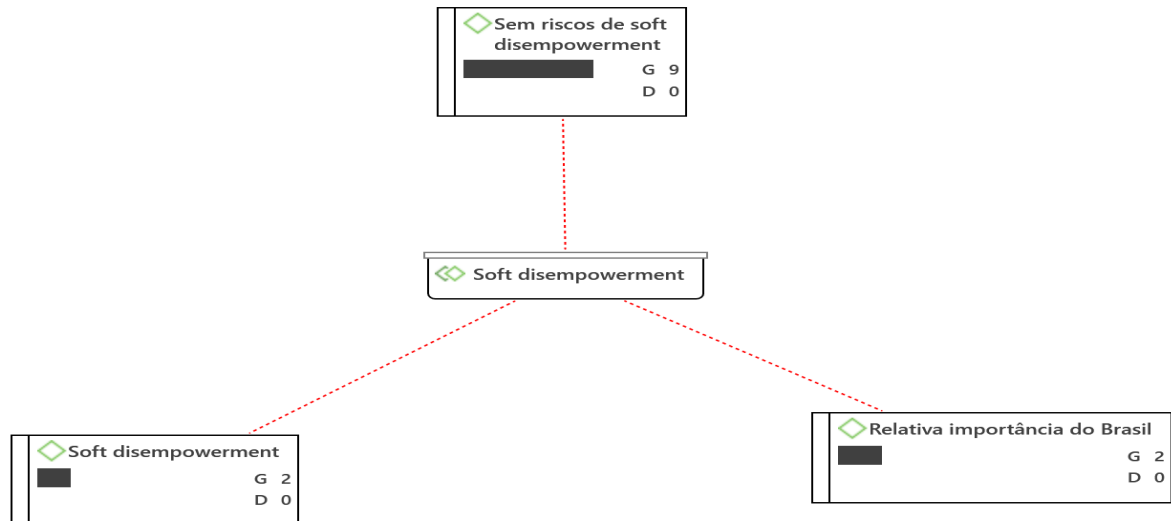
As citações por parte dos agentes estatais assumiram um diagnóstico diferente dos grupos de agentes não estatais, pois ficou focado em recomendações e reconhecimento de coexistência com o *soft power* chinês e sul-coreano. Essa coexistência seria equivalente à prática de cultura organizacional japonesa conhecida como *yokonarabi* (avançar paralelamente). Na cultura japonesa “não perder” é diferente de ganhar e por isso o mais importante é preservar o que se tem por meio do *yokonarabi*, ao invés de arriscar a ultrapassar o concorrente e perder de uma vez só (Yoshimura; Anderson, 1997). Não houve nesse grupo de agentes estatais nenhum reconhecimento de perda ou esmaecimento do *soft power* japonês. Essa observação ficou evidente com a apresentação das categorias subsequentes denominadas de “*Soft disempowerment*” e “*Direção do Soft power Japônês diante da China e Coreia do Sul*”.

4.3.4 *Soft disempowerment*

Essa categoria representa o conceito oposto ao *soft power* no sentido de provocar o desemponderamento suave, no qual o país perde atratividade. De modo assertivo, os entrevistados (agentes estatais e não estatais) afirmaram que o Japão está livre desse risco no Brasil (G=9).

Não há nada que desabone a imagem do Japão no Brasil (EG3) e eventuais questões históricas e geopolíticas do Japão na Ásia permanecem na Ásia, distantes do conhecimento dos locais (E11).

Figura 5 – *Soft disempowerment*



Fonte: Dados da pesquisa a partir do Atlas Ti 9 (2025).

O Japão tem conseguido manter uma imagem atrativa, que vai ao encontro do conceito de *soft power* no contexto Brasileiro, em função de sua imagem consolidada, conforme afirmam E10, EG3 e E5:

Eu acho que a imagem ainda do Japão, eu acho que ela é bem imaculada, tá? Eu acho que como um todo né? [...] a China as pessoas têm uma visão ruim dela porque não conhecem, falta muito. (E10)

Bom, então, eu acho que no Brasil, pelo menos, não existe nada que possa desabonar a figura do Japão, pelo contrário. (EG3)

Acho que não, acho que não tem nenhum risco de mudar a imagem que o brasileiro tem com relação ao Japão, eu acho que é muito consolidado então assim na minha opinião aconteça que acontecer por lá é muito difícil mudar, né? Então todo mundo no Brasil acha que o japonês é inteligente, ele é pontual, que ele cumpre as obrigações, que ele é honesto, né? Que ele é trabalhador, né? Isso é um conceito muito amplo que mesmo diante de algumas notícias e cenários, né? Teve a questão também lá da Renault, teve do CEO. (E5)

Uma única citação de um agente estatal (EG4) acerca da imagem corporativa japonesa foi apontada como um desafio para atrair estudantes estrangeiros em carreiras no Japão, visto que de acordo com a OCDE o Japão ainda apresenta por exemplo disparidade de gênero em cargos. Mas vale ressaltar que essa questão tem a ver com o Japão e não com o contexto brasileiro:

Eles têm tentado mudar um pouco, isso é, colocar mulheres em mais posição de liderança ou imposição de diretoria. Mas eu acho que era em comparação com os outros países da OCDE, o Japão[...] é que essa disparidade de gênero é gritante, então eles estão tentando corrigir isso [...] E mostrar que

as Universidades tem *job ranking center*, que eles têm um suporte que vai ajudar o estudante a procurar emprego depois e eles vão poder tirar dúvidas sobre empresas, se é boa ou ruim? então essa ideia que você tem de empresas e do mundo corporativo japonês é um pouco pesada, sabe que aí nem o *soft Power* consegue ajudar (EG4)

Sob o código “Relativa importância do Brasil”, observou-se também um aspecto interessante oriundo de *rankings globais de soft power*, como por exemplo o *Global Soft power Index 2024*. Esse ranking foi publicado pela *Brand Finance*, uma organização privada de consultoria que ao avaliar 193 estados classificou a China como 3º posição, o Japão como 4º posição, Coreia do Sul como 15º posição e Brasil como 31º. Pode-se inferir desse *ranking* que se houvesse um enfraquecimento do *soft power* Japonês no Brasil, isso não afetaria necessariamente a consolidada posição do Japão mundialmente, como sinalizam EG5 e E7:

Estou vendo agora que o Brasil está na 31º posição (EG5)

Eu não sei se você viu que o Japão e os Estados Unidos assinaram um acordo na área de minérios críticos, né? E aí os dois países tantos Estados Unidos quanto Japão eles têm procurado assinar outros acordos também de minérios críticos, né? E o Japão inclusive assinou um com o Chile recentemente e não com Brasil. Você vê que eu não estou escapando da sua pergunta porque eu estou tentando trazer o contexto para o Brasil, porque quando você pergunta sobre o Brasil e aí vem a parte da minha resposta eu vejo que o Brasil está um pouco fora dessa estratégia. (E7)

Diante dessa categoria, observa-se que o Japão não sofre o risco de ter o seu *soft power* erodido no contexto brasileiro em função do *soft disempowerment*. Ao se aprofundar nessa questão emergiram dos dados coletados a última categoria de análise que apresenta o direcionamento do *soft power* japonês no Brasil, por meio da próxima subseção.

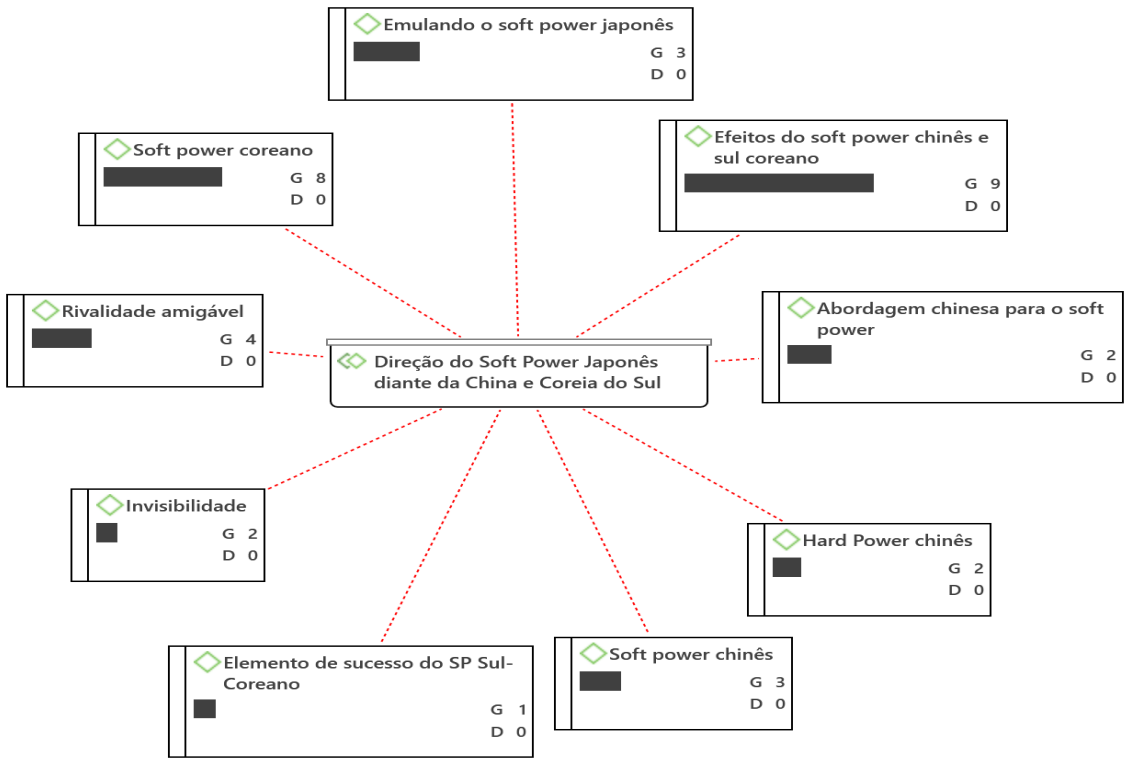
4.3.5 Direção do *Soft power* japonês diante da China e Coreia do Sul

Esta última categoria emergiu dos dados de análise como uma direção da política externa japonesa em relação ao seu *soft power* no contexto brasileiro, mas com reflexões que podem transcender a realidade local. Embora não seja possível fazer generalizações, há nos códigos encontrados conceitos originais, vinculados à cultura organizacional e nacional japonesa que balizam o seu *soft power* frente à China e Coreia do Sul.

Inicialmente são apresentados os elementos facilitadores do *soft power* chinês e sul coreano, que permitem seus respectivos avanços no contexto brasileiro, além dos efeitos que isso vem acarretando para o *soft power* japonês. Em relação a China é feita menção ao seu *hard power* relevante em termos econômicos, que subsidia um *soft power* assertivo em território nacional. Após isso, em “Emulando o *soft power* japonês”, observa-se como o *soft power* japonês no Brasil serviu de plataforma para expansão do *soft power sul coreano* e como o Japão se beneficiaria disso, uma vez que o Brasil ainda seria muito “eurocentrista” (EG4).

Já nos códigos intitulados de “Invisibilidade” (目に見えない - *Menimienai*) e “Rivalidade Amigável” (切磋琢磨 *Sessatakuma*) observam-se dois conceitos que mostram uma direção clara ao *soft power* japonês no Brasil e talvez no mundo. Tanto a “Invisibilidade” quanto a “Rivalidade Amigável” garantiriam a manutenção e coexistência do *soft power* japonês de um modo discreto e efetivo perante China e Coreia do Sul.

Figura 6 – Direção do Soft power japonês diante da China e Coreia do Sul



Fonte: Dados da pesquisa a partir do Atlas Ti 9 (2025).

A figura 6 apresenta os códigos “Abordagem chinesa para o *soft power*” e “*Soft power* chinês” que caracterizam respectivamente a assertividade da China no contexto brasileiro, com grande poderio de investimentos (*hard power*). Esse *hard power* por si só não garantiria o *soft power*, mas serviria de base inicialmente para a ampliação de sua influência, conforme ilustram E11 e EG6 e EG7:

A China está aí tomando conta de tudo, não é? Chega bate o olho enxerga a oportunidade e a coisa acontece então outros países também veem a importância do Brasil. (E11)

Acho que as razões pelas quais as culturas chinesa, coreana e japonesa são populares são diferentes umas das outras. Afinal, o fator mais importante da China é o seu poder econômico, portanto, embora a situação econômica da China seja boa, ela já é popular no mundo. O número de pessoas que querem aprender sobre a China e a cultura chinesa está aumentando. É natural. (EG6; EG7)

A China de acordo com E6 percebeu que somente o *hard power* não seria suficiente para consolidar sua atratividade, que constitui o elemento central do *soft power* e teria que se dedicar a isso, por meio da divulgação de artefatos culturais como seriados, dramas, como ilustra E6:

Com certeza, com certeza, a China é uma ameaça. Mas eu estou falando assim de um cenário atual, mas a gente já percebe que a China focava muito talvez apenas no aspecto econômico. Esteja agora também olhando para esse lado do da influência cultural. Sabe todo mundo sabe que a China tem essa meta de ser a principal potência do mundo. E eu acho que eles perceberam se já não tinham percebido antes, eles já perceberam que essa influência econômica não é suficiente, que é importante para eles que ela seja acompanhada de uma influência cultural assim como os Estados Unidos fizeram e eu acho que esse plano está em curso da China e assim claro só dá um exemplo aqui do seriado chinês até dois anos, um ano atrás, eu não sabia que tinha produção de seriado chinês. (E6)

Sob o código “*Soft power* coreano” notam-se por parte dos entrevistados o reconhecimento de sua influência cultural no Brasil, atraindo as novas gerações para a cultura *pop*, o estudo da língua coreana e seu marketing bem-sucedido, conforme afirmam E4, E9 e E10:

Então vamos lá, vamos pegar países que são muito semelhantes, né? Vamos fazer um paralelo direto para Coreia do Sul que está fazendo *soft power* via cultural muito semelhante, né? Qual é o grande ponto e a gente vê crianças da mesma idade querendo aprender coreano e querendo ir lá para estudar. A Coreia do Sul, ela tem se mostrado muito mais aberta a estrangeiros. Tem uma fala em inglês muito mais forte. (E4)

Foi assim terrível para a gente convencer o Cônsul do Japão a apoiar [...] Por causa das séries, entendeu? Então assim, dentro do próprio *Matsuri* (festa japonesa) da gente o que estava atraindo público mesmo era Coreia. (E9)

E aí você tem agora *k-pop* e Coreano que domina ali na Ásia pelo menos no sudeste asiático, qual a impressão que eu tenho né? É que o Japão é tipo assim, é um cristalzinho perfeito, assim é um país diferente ali para eles, né? É uma ilha né? Até geograficamente assim, deixa essa visão, mas é tipo assim, é um cristal. A Coreia, já talvez fosse ali mais continental, talvez e por ter mais, fazer muito *dorama* e tal ali domina, meio que é mais acessível e tal e muita gente, por exemplo, se não me engano vai para Coreia. (E10)

Houve por parte de agentes estatais um reconhecimento de um esforço do governo coreano, por meio de pesquisas, em exercer o *soft power* por meio de artefatos culturais, música, dramas que aumentassem o mercado e negócios:

A Coreia do Sul estava consciente da necessidade de expandir ainda mais o seu mercado para incluir a própria cultura, por isso fez muitas pesquisas excelentes. Como transformar o mercado no exterior? Muito tempo se passou desde então e agora finalmente se tornou um sucesso e se tornou um negócio em outros países, incluindo música e dramas coreanos. Acho que é o resultado de muito trabalho duro no país. (EG6;EG7)

Dublagem dos dramas coreanos (EG5)

A presença do *soft power* Chinês e Sul Coreano não pode ser ignorado e passou a ser enxergado de um modo colaborativo por agentes estatais do *soft power* japonês, sejam em parcerias com a JICA ou em divulgação da cultura asiática no Brasil. O Instituto Confúcio tem sido uma forma de implementar o *soft power* chinês no meio acadêmico brasileiro de modo efetivo, com bolsas para os melhores alunos, conforme afirmam respectivamente EG1, EG2, EG3, EG6 e EG7:

A JICA está aberta a diversos diálogos e tivemos esse diálogo com a Coreia, pois buscamos parcerias também com Organizações Internacionais. Claro que a JICA está mais presente na Ásia e na América Latina, existe uma diretriz de cooperação com cada país. (EG1; EG2)

Então, eu acho que os coreanos estão bem vigorosos nessa história de querer divulgar. Bom, os chineses também, como eles têm muito dinheiro, muito recurso, e têm o interesse da divulgação, ideológica talvez, então eles doaram, por exemplo, o Instituto Confúcio para diversas universidades no Brasil. Não tem na USP porque a língua chinesa da USP é dominada pelos taiwaneses. (EG3)

No Japão, quando se trata de cultura pop, existem alguns problemas com a China e Coreia do Sul, mas os brasileiros não entendem claramente as diferenças entre Japão, China e Coreia do Sul e não têm consciência delas. Se as músicas do *k-pop* se tornarem populares, as pessoas começarão a achar a música asiática legal. Então, acho que não há problema em não se preocupar muito em ser melhor do que a China ou ser melhor do que a Coreia. (EG6 e EG7)

O *soft power* japonês serviu de plataforma para o avanço do *soft power* coreano no Brasil, tendo em vista que a imagem consolidada de qualidade e legitimidade de artefatos culturais, tecnologia e cultura popular japonesa são vistos pelos brasileiros

não nikkeis como asiático em geral (E9). Isso facilitou a entrada dos artefatos culturais e tecnologia coreana, aproximando e emulando inicialmente o *soft power* japonês (E2):

Chegou a Hyundai com o mesmo H (da Honda), né, é para mim, eles estão aproveitando toda aquela propaganda de que Japonês tem qualidade, né, essa preocupação com a qualidade com a manufatura perfeita do Japonês e entram os coreanos e colocam uma coisa parecida. E o brasileiro entra lá naquela *vibe*, né? De que o carro coreano também é bom. (E2)

Olha nós temos a intenção de criar aqui uma casa China [...] Ele falou que ia ser nos moldes da *Japan House*. (E9)

E os melhores alunos, eles dão bolsa e pacote de viagem lá na China então, para quem não tem ascendência japonesa, asiático é tudo a mesma coisa. (E9)

Ainda nesta categoria os dois últimos códigos revelaram um aspecto inusitado e aderente à cultura japonesa de coexistir de maneira paralela (*yokonarabi*) e discreta, beneficiando-se do vigor econômico chinês e coreano. A “Invisibilidade” (目に見えない - *Menimienai*) seria um desses conceitos e uma propriedade, um direção do *soft power* japonês, de se fazer presente, mesmo sem ser notado. A legitimidade da tecnologia japonesa garantiria ao Japão estar presente em produtos manufaturados chineses e coreanos, em peças embutidas em *smartphones*, eletrodomésticos, televisões, entre outros, que são invisíveis ao consumidor (E5).

A própria Caloi vista pelo consumidor brasileiro nada teria a ver com o Japão, mas muitas peças de uma empresa japonesa de bicicletas para competição denominada Shimano são adquiridas pela Caloi. Essa prática de ser invisível garante a manutenção de seu poder econômico (*hard power*) para financiar seu *soft power*, salvaguardando sua posição de influência:

Houve uma época na década de 1990 em que o Japão era forte e as pessoas diziam que o Japão era o número um, mas agora, 30 ou 40 anos se passaram desde então e quando se pergunta se a influência do Japão diminuiu ou não diminuiu, a pergunta seria sobre a influência dos produtos japoneses? Gostaria de usar a palavra “visível” em termos da influência e penso que a influência dos produtos japoneses vem diminuindo naquilo que é visível, ou melhor, quando se fala de iPhone ou Galaxy, quero dizer, naquilo que você pode ver com os olhos. Porém, não naquilo que é invisível (目に見えない - *Menimienai*) ao consumidor, como a placa de circuito dentro do iPhone ou os vários filmes. Então, por exemplo, todo mundo não entende que tipo de coisas se usa dentro de uma televisão e, por exemplo, o exemplo mais fácil de entender é uma empresa que vende bicicletas, como a Shimano. A empresa japonesa chamada Shimano vende bicicletas de alta qualidade aqui. Shimano é a marca mais forte em bicicletas, para competição. No entanto, a Shimano vende muitas peças de bicicletas para a Caloi e essa fabricante de bicicletas usa peças da Shimano, então, por exemplo, do ponto de vista do

mercado só se enxerga a Caloi, mas nos bastidores o Japão está inserido. (E5)

Acho que o Japão ainda é forte. Claro, essa tecnologia japonesa vai para a China, depois para o Vietnã e depois para a China, que herdou. Há algumas coisas que foram transmitidas na Coreia e chegaram aqui como produtos coreanos, mas também há casos em que você não pode conseguir uma peça se não for feita no Japão. (EG5)

Outro conceito relevante que subsidia o direcionamento do *soft power* Japonês diante da China e Coreia do Sul é a “Rivalidade Amigável” (切磋琢磨 *Sessatakuma*). Esse conceito enseja um olhar diferenciado perante a presença do *soft power* chinês e coreano, que passa a ser visto não como ameaça, mas como uma coexistência harmoniosa, que respeita espaços e neutraliza o argumento de perda. Isso vai ao encontro do argumento de que o *soft power* não é um jogo de soma zero e isso permitiria que os benefícios mútuos a serem auferidos superariam os resultados de um confronto direto entre China, Coreia do Sul e Japão. Não haveria, portanto, por parte dos agentes estatais japoneses o foco na competição, em ganhar do outro, mas de preservar o que conseguiram e se beneficiar do que for possível, conforme mostram EG1, EG2 e EG3:

Não sinto que o ODA Coreano e Chinês esteja ofuscando a JICA no Brasil. Não sei se esse é o termo correto. A JICA faz o seu trabalho e eles fazem o trabalho deles. Não é uma competição para se sobressair em cima do outro (EG1; EG2)

Mas nesse pormenor, me pareceu que hoje a cultura *k-pop* e também o drama coreano, principalmente o drama coreano, são muito bem-feitos, dublados, certo? Então realmente nesse ponto me pareceu que eles ultrapassaram os japoneses. Enfim, claro, não precisa competir, sabe? Cada um está na sua, certo? (EG3)

Não precisaria haver, portanto, antipatia ou confronto entre Japão, China e Coreia do Sul em território nacional pelo *soft power*. Como mostra EG4, a junção de forças desses três países poderia mitigar o eurocentrismo brasileiro, atraindo mais estudantes para o oriente ou mesmo popularizando a cultura asiática. O Japão continuaria se beneficiando neste novo cenário, conforme expressam EG4, EG6 e EG7:

Muito importante que haja institutos com força e que a Ásia entre nas universidades em geral [...] mas eu acho que vendo assim pelo prisma geopolítico ter uma presença asiática é importante para justamente balancear um pouco esse eurocentrismo que a gente tem no Brasil, sabe? E eu acho ótimo quanto mais institutos estiverem quanto mais centro de pesquisas coreanos tiverem, japoneses também, tiver melhor, porque a gente consegue

transformar um pouco sobre a visão da Ásia em geral. Então, quero trabalhar com os meus colegas da China, da Coreia, porque é isso, né? Eu particularmente penso assim, pode ter outras pessoas que pensem diferente, mas eu acho que se der para trabalhar de forma colaborativa é melhor, eu acho que a gente só quer ganhar, porque nós somos da Ásia. (EG4)

Acho que se tentarmos introduzir mais cultura japonesa e torná-la mais popular está bom, não há por que se preocupar muito com as diferenças. Não seria ótimo se cada país trabalhasse duro e acabasse sendo popular no Brasil, não importa qual país fosse? Eu penso que no Brasil não há confronto entre o Japão, a China e a Coreia do Sul... Não é como se estivéssemos competindo. Acho que é melhor estarmos conscientes um do outro e trabalharmos duro juntos numa rivalidade amigável (切磋琢磨 *Sessatakuma*). Acho que está tudo bem se apenas tentarmos o nosso melhor um com o outro, mas também acho que está tudo bem se não tivermos muita antipatia um pelo outro. (EG6; EG7)

Portanto, o direcionamento do *soft power* japonês diante da China e Coreia do Sul permite uma coexistência baseada na “rivalidade amigável” e se apoia na “invisibilidade” para manter a posição de influência do Japão no Brasil. Como essas informações desse direcionamento vieram dos agentes estatais, pode-se supor que essa observação extrapole a realidade brasileira e seja adotada também em outros países. A “competição” com China e Coreia do Sul não é assumida abertamente e ao invés disso, adota-se uma postura de harmonizar a situação, verificando como se fazer presente e otimizar os ganhos de influência. Isso é possível pois o *soft power* não é um jogo de soma zero, em que para um ganhar o outro tem que perder. Isso não significa que não haja críticas e recomendações para fortalecer o *soft power* japonês e estudar as práticas dos outros atores para emulá-las quando possível. O próximo capítulo apresenta a discussão dos resultados à luz da revisão sistemática da literatura.

4.4 Discussão

Nesta parte os resultados da pesquisa são discutidos à luz dos autores apresentados na revisão sistemática da literatura. Assim, a ordem de apresentação das categorias é preservada para facilitar a discussão.

Inicialmente, observou-se que permanece a polêmica em torno do *soft power* em termos de precisão conceitual e formas de mensuração, visto que é difícil de ser definido, mas está conectado à ideia de atratividade de um país (Nye, 1990, 2019, 2021). Agentes estatais e não estatais convergiram em torno de algumas métricas

válidas para se mensurar esse conceito, mesmo sabendo das limitações na captura desse fenômeno. Essa métricas estariam conectadas ao engajamento em redes sociais, em eventos culturais promovidos pelo governo do Japão e pelas Associações culturais japonesas, concessão de bolsas de estudos para brasileiros, dentre outros.

As redes sociais configuram uma ferramenta inovadora de expansão do *soft power*, diante da tradicional visão de que o *soft power* demora a dar resultados e não possa ser simplesmente adquirido (O'Shea; Maslow, 2023).

No caso do *soft power* japonês, apontou-se o ODA como um pilar da política externa no Brasil, por meio de projetos que ajudem o país em seu desenvolvimento e fortaleçam os laços de amizade entre Japão e Brasil (Kazuhisa, 2022; Söderberg, 2011). Vale ressaltar que o ODA no Brasil por parte da JICA vem se tornando seletivo, visto que o Brasil evoluiu bastante frente a outros países de economias emergentes.

Outro aspecto atrativo do Japão por meio de seu *soft power* japonês evidenciado na pesquisa de campo foi composto pela sua gastronomia, *pop culture* (*Manga, Anime*), imagem descolada e moderna de tecnologia e artefatos culturais em geral (Bîrlea, 2023; Paquin; Colautti-Féré, 2024; Singh, 2024; Zhang, 2021) a serem expostos na *Japan House* em São Paulo por exemplo, visto que as outras duas estão em Londres e Los Angeles.

Os dados revelaram também que o *soft power* japonês tem contribuído significativamente para as Relações Internacionais entre Brasil e Japão (Amorim; Ferreira-Pereira, 2021; da Silva-Oliveira *et al.*, 2021; Jeong; Grix, 2023; Söderberg, 2011), por meio de um longo histórico de investimentos e acordos de cooperação. O caso da ajuda da JICA no Brasil tem sido marcante, para transformar por exemplo o Cerrado brasileiro em um dos maiores produtores de soja do mundo, dentre outros projeto. A questão da imigração de japoneses para o Brasil e o interesse do Japão em enxergar o Brasil como fornecedor de matérias-primas para sua economia intensificaram o relacionamento entre os dois países (Amorim; Ferreira-Pereira, 2021).

Sob o contexto brasileiro, o *soft power* japonês apresentou uma configuração desafiadora em termos de manutenção de suas atividades em ritmo equivalente ao *soft power* chinês e coreano (Ahn; Yoon, 2020; Carminati, 2020; Dirir, 2022; Huang, 2022; Jeong; Grix, 2023; Nukitrangsan, 2024; Xiao, 2024). Agentes estatais e não estatais se defrontam com restrição orçamentária em função da recuperação econômica japonesa, dificuldades em obter voluntários e profissionalização das associações e ambiente institucional desafiador para os negócios japoneses.

Conforme visto na apresentação dos dados, enquanto em 2025 o Brasil apresenta 300 empresas multinacionais japonesas, o México apresenta 1700 (EG3). Embora se reconheça em termos gerais que o *soft power* japonês ainda seja forte mundialmente, houve apontamentos de que há necessidade de mudanças para atrair os mais jovens diante da China e Coreia do Sul no Brasil (Paksiutov, 2023; Vassao, 2023).

Os agentes estatais assumiram um diagnóstico diferente dos grupos de agentes não estatais, pois focaram em recomendações e reconhecimento de coexistência com o *soft power* chinês e sul-coreano, sem assumir uma perda. Essa coexistência é denominada na cultura japonesa corporativa como um modo de avançar paralelamente ao *soft power* chinês e sul coreano, denominado de *Yokonarabi*). Desse modo é possível coexistir sem perder espaço (Yoshimura; Anderson, 1997). Na cultura japonesa “não perder” é diferente de ganhar e por isso o mais importante é preservar o que se tem por meio do *yokonarabi*, ao invés de arriscar a ultrapassar o concorrente e perder tudo de uma vez só (Yoshimura; Anderson, 1997). Enquanto os agentes não estatais em sua maioria afirmaram que o *soft power* japonês perdeu espaço ou regrediu, não houve no grupo de agentes estatais nenhum reconhecimento de perda ou esmaecimento do *soft power* japonês (Yasuno; Yasuko, 2022).

Em relação ao *soft disempowerment* não se identificou com base na percepção dos respondentes nada que possa desabonar ou ameaçar a imagem do Japão no contexto brasileiro. O *soft disempowerment* se manifestaria por meio de eventos danosos à imagem de um país, capaz de diminuir sua atratividade (Brannagan; Giulianotti, 2018; Dirir, 2022; Glosserman, 2020; Huang, 2022), o que não se aplicaria ao caso do Japão no Brasil. Eventos históricos e geopolíticos envolvendo o Japão na Ásia estão distantes e permanecem desconhecidos dos locais (Conrad; Meyer-Ohle, 2019; Gustafsson; Hagström; Hanssen, 2019; Nakano; Zhu, 2020).

Observou-se nos resultados que o direcionamento do *soft power* japonês diante da China e Coreia do Sul permite uma coexistência baseada na “rivalidade amigável” (切磋琢磨 *Sessatakuma*) e se apoia na “invisibilidade” (目に見えない *Menimieanai*) para manter a posição de influência do Japão no Brasil. Os agentes estatais apresentaram um discurso uniforme em torno desses dois conceitos que expressa um direcionamento claro do *soft power* japonês (Aden, 2022; Bîrlea, 2023; Glosserman, 2020; Heng, 2020; Huseynova; Strategic, 2023; Nakano; Zhu, 2020; Nye, 2021; Sheehan, 2023; Vyas, 2008; Yasuno; Yasuko, 2022). Embora não seja permitida uma

generalização em pesquisas qualitativas, o fenômeno do *soft power* japonês envolve a relação com China e Coreia do Sul e seria válida também para outros contextos.

Conforme visto na apresentação dos dados, a “Rivalidade Amigável” seria a coexistência com o *soft power* chinês e sul coreano (Aukia, 2023; Davies; Edney; Wang, 2021; Jeong; Grix, 2023). A “competição” com China e Coreia do Sul não é assumida abertamente e ao invés disso, adota-se uma postura de harmonizar a situação (Yoshimura; Anderson, 1997), para se fazer presente e otimizar os ganhos de influência. Isso é possível pois o *soft power* não é um jogo de soma zero (Nye, 1990, 2019, 2021), em que para um ganhar o outro tem que perder. Isso não significa que não haja críticas e recomendações para fortalecer o *soft power* japonês e estudar as práticas dos outros atores para emulá-las quando possível. A própria Coreia do Sul aproveitou-se da indistinguibilidade de diferenças entre asiáticos a partir do olhar brasileiro, para emular e se legitimar a partir da imagem consolidada do Japão em tecnologia e gastronomia (Dirir, 2022).

Já a “invisibilidade” estaria ligada à ideia de não perder sua influência tecnológica e sua marca, aproveitando-se de uma participação não visível nos bastidores dos produtos e tecnologia chinesa e coreana. Essa participação anônima seria viabilizada pelo fornecimento de peças de comprovada qualidade e que só o Japão poderia fornecer para *smartphones*, eletrodomésticos, máquinas e equipamentos, entre outros. Com a propriedade da “Invisibilidade”, o Japão evitaria uma disputa direta com China e Coreia em *hard power* (Nye, 2019) e conseguiria acompanhar proporcionalmente de modo paralelo (*Yokonarabi*) e discreto o sucesso econômico desses países, mantendo a sua influência.

4.5 Conclusão

Esta pesquisa pós doutoral teve como objetivo geral analisar como se configura o *soft power* e *soft disempowerment* japonês no Brasil. Para isso, realizou-se uma revisão sistemática da literatura em que foram selecionados inicialmente um total de 27 artigos dentre 101 de uma pesquisa de dados na base *Scopus* e *Web of Science* realizada em março de 2024. Esta pesquisa se apoiou no interpretativismo como paradigma, e pode ser classificada como qualitativa.

Como parte essencial, esta pesquisa contemplou entrevistas semi-estruturadas

com autoridades do governo japonês (*Japan Foundation*, Câmara do Comércio e Indústria Japonesa do Brasil (CCIJB), *JICA*, *JSPS* e representante do *Study in Japan*) e Associações de cultura japonesa no Brasil, no segundo semestre de 2024, que foram analisadas por meio da técnica de análise temática. Os entrevistados do governo foram denominados como agentes estatais (7 entrevistados) do *soft power* japonês no Brasil e os presidentes e ex-bolsistas de Associações culturais japonesas no Brasil foram denominados como agentes não estatais (11 entrevistados).

Respondendo à pergunta de pesquisa que norteou este relatório, o *soft power* japonês se configura em torno dos conceitos de coexistência baseada na “rivalidade amigável” (切磋琢磨 *Sessatakuma*) e na “invisibilidade” (目に見えない *Menimieanai*) para manter sua posição de influência no Brasil. Embora não seja permitida uma generalização de resultados em pesquisas qualitativas, o fenômeno do *soft power* japonês envolve a relação com China e Coreia do Sul e seria válida também para outros contextos.

A “Rivalidade Amigável” seria a coexistência com o *soft power* chinês e sul coreano por meio de um avanço paralelo (横並び *Yokonarabi*). A “competição” com China e Coreia do Sul não é assumida abertamente e ao invés disso, adota-se uma postura de harmonizar a situação para se fazer presente e otimizar os ganhos de influência. Isso é possível pois o *soft power* não é um jogo de soma zero em que para um ganhar o outro tem que perder. Isso não significa que não haja críticas e recomendações para fortalecer o *soft power* japonês principalmente por parte dos agentes não estatais que acreditam na sua maioria na estagnação e declínio do *soft power* japonês no Brasil. A própria Coreia do Sul aproveitou-se da indistinguibilidade de diferenças entre asiáticos a partir do olhar brasileiro, para emular e se legitimar a partir da imagem consolidada do Japão em tecnologia e gastronomia.

Já a “invisibilidade” estaria ligada à ideia de não perder sua influência tecnológica e sua marca japonesas, aproveitando-se de uma participação invisível nos bastidores dos produtos e tecnologias chinesa e coreana. Essa participação anônima seria viabilizada pelo fornecimento de peças de comprovada qualidade e que só o Japão poderia fornecer para *smartphones*, eletrodomésticos, máquinas e equipamentos, entre outros. Com a propriedade da “Invisibilidade”, o Japão evitaria uma disputa direta com China e Coreia em *hard power* e conseguiria acompanhar

proporcionalmente de modo paralelo (*Yokonarabi*) e discreto o sucesso econômico desses países, mantendo a sua influência.

Observou-se que o *soft disempowerment* se configura como inofensivo para a imagem do Japão e para o *soft power* japonês no Brasil. Não haveria nada que possa desabonar ou ameaçar a imagem do Japão no contexto brasileiro a partir da percepção dos entrevistados. Eventos históricos e geopolíticos envolvendo o Japão na Ásia estão distantes e permanecem desconhecidos dos locais.

Esta pesquisa também atingiu todos os objetivos específicos, pois:

- a) Identificou as manifestações de *soft power* japonês no contexto brasileiro, com especial atenção às conexões entre o *soft power* japonês e os negócios e o desafiador ambiente institucional brasileiro. Observou-se também os riscos ao investimento estrangeiro direto japonês diante da burocracia brasileira e as práticas de implementação do ODA pela JICA;
- b) Identificou os elementos facilitadores do *soft power japonês*, tais como a imagem consolidada do Japão, a credibilidade de seus artefatos culturais e *pop culture* tais como *Manga* e *Anime*, a comunidade nikkei no Brasil, os embaixadores informais constituídos por ex-bolsistas do governo japonês, etc. Em contrapartida, esta pesquisa também identificou os elementos dificultadores do *soft power* japonês no contexto brasileiro, tais como as restrições orçamentárias, as dificuldades em marketing e divulgação, os limites do voluntarismo nas Associações Culturais Japonesas, a rotatividade nos consulados, a falta de um *networking* mais efetivos com interessados em pesquisas no Japão;
- c) Diagnosticou e apontou recomendações para o *soft power* japonês, que possam mitigar o risco de estagnação e promover sua efetividade no contexto brasileiro. Dentre essas recomendações podem ser enunciadas a maior inserção em redes sociais, a divulgação mais efetiva dos projetos bem sucedidos da JICA no Brasil, a profissionalização das Associações culturais japonesas, a construção de um *networking* de pesquisadores interessados em Japão, dentre outros;
- d) Identificou a ausência de riscos de *soft disempowerment* japonês no contexto brasileiro;

Como limitação de pesquisa, o pesquisador não conseguiu acesso às Câmaras do Comércio e Indústria da Coreia do Sul e da China, apesar das tentativas e negociações. Seria efetiva a triangulação de dados a partir da coleta das opiniões de representantes oficiais desses dois países que coexistem com o *soft power* japonês no Brasil.

Esta pesquisa também avançou na literatura sobre o *soft power* japonês trazendo elementos conceituais novos para a temática das políticas de diplomacia pública envolvendo as relações internacionais entre países asiáticos atualmente em destaque.

REFERÊNCIAS

- ADEN, K. Japan and South Korea's Implication of Soft Power: Cultural Aspects, Education, and Foreign Aid Diplomacy. **Humanities and Social Sciences**, Basel, v. 10, n. 4, p. 261-270, 2022.
- AGYEIWAH, E.; SUNTIKUL, W.; CARMEN, L. Y. S. 'Cool Japan': Anime, soft power and Hong Kong generation Y travel to Japan. **Journal of China Tourism Research**, Abingdon, v. 15, n. 2, p.127-148, 2019.
- AHN, J. H.; YOON, E. K. Between love and hate: The new Korean wave, Japanese female fans, and Anti-Korean sentiment in Japan. **Journal of Contemporary Eastern Asia**, Seul, v. 19, n. 2, p. 179-196, 2020.
- AL-EISAWI, D. A Design Framework for Novice Using Grounded Theory Methodology and Coding in Qualitative Research: Organisational Absorptive Capacity and Knowledge Management. **International Journal of Qualitative Methods**, Thousand Oaks, v. 21, 2022.
- AMORIM, S. C.; FERREIRA-PEREIRA, L. C. Brazil's quest for autonomy in Asia: The role of strategic partnerships with China and Japan. **Revista Brasileira de Política Internacional**, Brasília, v. 64, n. 2, 2021.
- AUKIA, J. China's Push for Greater Influence in the Popular Culture Arena: The Ip Man Saga. **Asian Studies Review**, Abingdon, v. 47, n. 1, p. 134-151, 2023.
- BABIN, J. The Arctic in Japan's Basic Plan on Ocean Policy: Toward a Comprehensive Free and Open Maritime Vision. **Asian Perspective**, Boulder, v. 47, n. 3, p. 467- 487, 2023.
- BÎRLEA, O. M. SOFT POWER: 'Cute Culture', a persuasive strategy in Japanese advertising. **Trames**, Tallinn, v. 27, n. 3, p. 311-324, 2023.
- BOTZ-BORNSTEIN, T. Japanese/Korean popular culture in Kuwait and Singapore: Resistance and conservatism. **East Asian Journal of Popular Culture**, Bristol, v. 9, n. 1, p. 45-63, 2023.
- BRANNAGAN, P. M.; GIULIANOTTI, R. The soft power-soft disempowerment nexus: The case of Qatar. **International Affairs**, London, v. 94, n. 5, p. 1139-1157, 2018.
- CARMINATI, D. Playing Safe or Taking Risks? Comparing China and Japan's Soft Power Strategies in Thailand. **Asian Politics and Policy**, Hoboken, v. 12, n. 3, p. 316-336, 2020.
- CASADO CLARO, M.-F.; PASTRANA HUGUET, J.; SAAVEDRA SERRANO, M. C. Tourism as a Soft Power Tool. The Role of Public Diplomacy in Japan's Country and Destination Branding. **Journal of Tourism, Sustainability and Well-being**, Faro, v. 11, n. 2, p. 66-80, 2023.

CONRAD, H.; MEYER-OHLE, H. Japanese multinational companies and the control of overseas investments: Expatriates, foreign employees, and Japan's soft power. *In: MOBILITIES OF LABOUR AND CAPITAL IN ASIA*. Cambridge: Cambridge University Press, 2019.

CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE. Resolução nº 510 de 07 de abril de 2016. Trata sobre as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisa em ciências humanas e sociais. **Diário Oficial da União**, Brasília, v. 98, 2016.

CRESWELL, J. W.; CRESWELL, J. D. Research Design: Qualitative, Quantitative, and Mixed Method. *In: RESEARCH DESIGN: QUALIATATIVE, QUANTITATIVE, AND MIXED METHOD*. Thousand Oaks: Sage Publications, 2018.

DAVIES, G. A. M.; EDNEY, K.; WANG, B. National images, trust and international friendship: Evidence from Chinese students. **International Relations**, London, v. 35, n. 1, p. 69-89, 2021.

DESCAMPS, Y. The Rise of Cool Japan: The Representation of Japanese and American Athletes in Kuroko no Basuke: Extra Game. **International Journal of the History of Sport**, London, v. 40, n. 2–3, p. 158-176, 2023.

DIRIR, K. A. Japan and South Korea's Implication of Soft Power: Cultural Aspects, Education, and Foreign Aid Diplomacy. **Humanities and Social Sciences**, New York, 2022.

DUBINSKY, Y. The Olympic Games and Judo Diplomacy: An Exploratory Discussion on Country Image in Tokyo 2020. **Communication and Sport**, London, v. 12, n. 1, p. 149-169, 2024.

FUCCILLE, L. A.; BRAGATTI, M. C.; LEITE, M. L. T. de A. Geopolítica dos Recursos Naturais na América do Sul: um panorama dos recursos hídricos sob a ótica da Segurança Internacional | Geopolitics of Natural Resources in South America: a panorama of water resources under the view. **Mural Internacional**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 1, p. 59-75, 2018.

GIOIA, D. A Systematic Methodology for Doing Qualitative Research. **Journal of Applied Behavioral Science**, Thousand Oaks, v. 57, n. 1, p. 20-29, 2021.

GLOSSERMAN, B. The Limits of Soft Power in Japan–South Korea Relations. **carnegieendowment.org**, Washington, 2020.

GUO, H. Legitimation Game: The Anti-Japanese Textbook Issue in Sino–Japanese Relations, 1914–1937. **Asian Studies Review**, London, v. 48, n. 4, p.707-726, 2024.

GUSTAFSSON, K.; HAGSTRÖM, L.; HANSEN, U. Long live pacifism! Narrative power and Japan's pacifist model. **Cambridge Review of International Affairs**, London, v. 32, n. 4, p. 502-520, 2019.

HENG, Y.-K. Three Faces of Japan's Soft Power. **International Studies Review**, Oxford, v. 18, n. 1, p. 171-188, 2020.

HUANG, Y. Analysis on South Korean Soft Power— Taking BTS, Parasite and Squid Game as Examples. *In: 2022. Proceedings of the 2022 International Conference on Comprehensive Art and Cultural Communication (CACC 2022)*. Zhengzhou: Atlantis Press, 2022.

HUSEYNOVA, N.; STRATEGIC, U. P. A. The global success story of Japan's soft power: debating 'Cool Japan' as a model of Turkish soft power projection. **UPA Strategic Affairs**, Ankara, v. 4, n. 2, p. 108-14, 2023.

INSEBAYEVA, S. Japan's Normative Power in Central Asia: Norms, Development Cooperation, and the Long-lasting Partnership. **Journal of Eurasian Studies**, London, v. 15, n. 1, p. 44-54, 2024.

JAPAN SOCIETY FOR THE PROMOTION OF SCIENCE. *In: The Grants Register 2024*. Tokyo: JSPS, 2023.

JEONG, J.; GRIX, J. An analysis of Japan's soft power strategies through the prism of sports mega-events. **Sport in Society**, London, v. 26, n. 10, p. 1756-1776, 2023.

JIN, D. Y. The rise of digital platforms as a soft power apparatus in the New Korean Wave era. **Communication and the Public**, London, v. 9, n. 2, p. 161-177, 2024.

KAZUHISA, A. JICA's Activities in Afghanistan. **Asia-Pacific Review**, Tokyo, v. 29, n. 1, p. 70-100, 2022.

KUNKUNRAT, K. Korean Cultural Diplomacy: Uniting Society Through Soft Power. **Best Journal of Administration and Management**, Kalimalang, v. 2, n. 3, p. 157-162, 2024.

KURNIA HANDOYO, F. Japan's Cultural Diplomacy Through Anime and Manga in Promoting the 2020 Tokyo Olympics. **Asian Journal of Social and Humanities**, Bandung, v. 2, n. 5, p. 1028-1041, 2024.

LIU, M. The "Gray Zone" Conflicts in China- U.S. Relations: From a Geopolitical Perspective. **International Journal of Education and Humanities**, Hillsboro, v. 12, n. 1, p. 36-38, 2024.

LÓPEZ, L. V. The EU–Japan Partnership in the Post-pandemic Order: What Comes Next?. **Journal of Asian Security and International Affairs**, London, v. 11, n. 1, p. 122-145, 2024.

LÓPEZ ARANGUREN, J. L. Japan's Science and Technology Diplomacy: Society 5.0 and its International Projection. **Communication and Society**, Pamplona, v. 36, n. 2, p. 225-239, 2023.

MESQUITA, M.; MATOS, J.; MEDEIROS, V. R. de. O Soft Power da Política Externa Japonesa: o caso Nintendo no modelo Cool Japan (2004-2011) | The Soft power of Japanese Foreign Policy: the Nintendo case in the Cool Japan model (2004-2011). **Mural Internacional**, Rio de Janeiro, v. 13, 2022.

MOZEBAKH, V. A. Distinctive features of modern Japanese diplomatic service. **Japanese Studies in Russia**, Moscow, n. 4, p.33-52, 2024.

NAKANO, R.; ZHU, Y. Heritage as soft power: Japan and China in international politics. **International Journal of Cultural Policy**, London, v. 26, n. 7, p. 869-881, 2020.

NUKITRANGSAN, K. Expanding the International Role of China's Educational Soft Power. **Asia Social Issues**, Nakhon Si Thammarat, v. 17, n. 4, 2024.

NYE, J. S. Soft Power and Great Power Competition. **Foreign Policy**, Washington, n. 80, p.153-171,1990.

NYE, J. S. Soft power and public diplomacy revisited. **The Hague Journal of Diplomacy**, Leiden, v. 14, n.1, p. 01-14, 2019.

NYE, J. S. Soft power: the evolution of a concept. **Journal of Political Power**, London, v. 14, n. 1, p. 196-208, 2021.

O'SHEA, P.; MASLOW, S. Rethinking change in Japan's security policy: punctuated equilibrium theory and Japan's response to the Russian invasion of Ukraine. **Policy Studies**, London, v. 45, n. 3–4, p.653-676, 2024.

O'SHEA, P.; MASLOW, S. The 2020/2021 Tokyo Olympics: Does Japan get the gold medal or the wooden spoon?. **Contemporary Japan**, London, v. 35, n. 1, p. 16-34, 2023.

OTMAZGIN, N. An "East Asian" Public Diplomacy? Lessons from Japan, South Korea, and China. **Asian Perspective**, London, v. 45, n. 3, p. 621-644, 2021.

PAIDI, R. "Japan Cool" Strategy and the Outcome of Japanese Cultural Diplomacy in Malaysia. **Journal of Strategic Studies & International Affairs**, Cirebon, v. 3, n. 1, p. 108-128, 2023.

PAKSIUTOV, G. D. THE IMPACT OF STREAMING ON THE FILM INDUSTRY AND SOFT POWER STRATEGIES IN CHINA, SOUTH KOREA AND JAPAN. **Polis. Political Studies**, Moscow, n. 2, p.41-53, 2023.

PAQUIN, J.; COLAUTTI-FÉRE, P. From attractiveness to hard hedging: US allies' response to Washington's lack of security assurance under the Obama and Trump presidencies. **Contemporary Politics**, London, v. 30, n. 2, p.221-246, 2024.

POPLAVSKA, M. Main Directions of Cultural Diplomacy of the USA and Japan. **Socio-Cultural Management Journal**, Kyiv, v. 5, n. 2, p.68-79, 2022.

ROCA, Y. B. Origin of the Sun : Japanese Soft Power and Public Diplomacy Evaluated. **electronic journal of contemporary japanese studies**, Sheffield, v. 21, n. 1, 2021.

ROSE, A. K. Like Me, Buy Me: The Effect of Soft Power on Exports. **Economics and Politics**, London, v. 28, n. 2, p.216-232, 2016.

RUSKO, C. Buying Soft Power: A Comparative Study of Japan in China, and China in Africa. **SSRN Electronic Journal**, Rochester, 2022.

SÁ, M. E. B. Formulating the concept of “mitigation agent”—a study on the Japanese-Brazilian Chamber of Commerce bulletin. **Routledge Open Research**, London, v. 1, 2022.

SAKHAROVA, E. B. Japan’s relations with China and Korea in the Muromachi era. **Japanese Studies in Russia**, Moscow, n. 4, p.18-32, 2024.

SHEEHAN, K. N. Soft power, globalisation and the otaku: Influencing Japanese nationalism from within and abroad. *In*: NATIONAL IDENTITY AND MILLENNIALS IN NORTHEAST ASIA: POWER AND CONTESTATIONS IN THE DIGITAL AGE. London: Routledge, 2023.

SHINICHI, K. Building a World Order in Solidarity with Developing and Emerging Countries. **Asia-Pacific Review**, Tokyo, v. 30, n. 2, p. 04-12, 2023.

SILVA-OLIVEIRA, K. D. *et al.* **Emerging Economy Inward and Outward Foreign Direct Investment: A Bibliometric and Thematic Content Analysis**. Berlin: Springer Nature, 2021.

SINGH, B. Japan’s smart power strategy and securing the US-led order. **Contemporary Politics**, London, v. 30, n. 1, p. 01-20, 2024.

SÖDERBERG, M. Japan’s ODA as soft power. *In*: JAPAN IN DECLINE: FACT OR FICTION? Folkestone: Global Oriental, 2011.

VAIL, C. S. *et al.* Potential Welfare Impacts of Chase and Capture of Small Cetaceans during Drive Hunts in Japan. **Journal of Applied Animal Welfare Science**, London, v. 23, n. 2, p.193-208, 2020.

VASSAO, L. A Raindrop in a Raging Fire? Soft Power as a Tool for Japan-South Korea Reconciliation. **The Interdependent: Journal of Undergraduate Research in Global Studies**, New York, v. 3, p.145-163, 2023.

VYAS, U. **The Japan Foundation in China: An Agent of Japan’s Soft Power?** [S. l.], 2008.

WANG, R. How Can Energy-Importing Countries Guard Against Geopolitical Risks - Take Japan as an Example. **Highlights in Business, Economics and Management**, London, v. 24, p.2129-2138, 2024.

WINKLER, S. C. ‘Soft power is such a benign animal’: narrative power and the reification of concepts in Japan. **Cambridge Review of International Affairs**, London, v. 32, n. 4, p.483-501, 2019.

XIAO, S. Navigating Contradictions in Chinese Diplomacy: The Dual Narratives of Peaceful Rise and Class Struggle in Soft Power Discourse. **Lecture Notes in Education Psychology and Public Media**, Oxford, v. 40, n. 1, p. 38-45, 2024.

YAMASHITA, A. Polite language forms as markers of an emerging new language order in nikkei-brazilian japanese. **Languages**, Basileia, v. 4, n. 3, p. 01-16, 2019.

YOSHIMURA, N; ANDERSON, P. **Inside the kaisha**: demystifying Japanese business behavior. Boston: Harvard Business School Press, 1997.

YASUNO, S.; YASUKO, Y. China's Soft-Power in Japan and its Limits – A Comparison with South Korea's. **Global Perspectives on Japan**, Tokyo, n. 5, p. 168-184, 2022.

ZHANG, T. Strengthening crisis management, the most urgent task in current China–US and China–Japan security relations. **China International Strategy Review**, Beijing, v. 3, n. 1, p.34-55, 2021.

ZHOU, Y. China's mediated public diplomacy towards Japan: a text-as-data approach. **Asian Journal of Communication**, London, v. 32, n. 4, p. 01-19, 2022.

APÊNDICE – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu compreendi que essa pesquisa trata da influência do Japão no Brasil por meio do *soft power*. O *soft power* é a atratividade que um país consegue ter perante outros países, por meio de ajuda humanitária, artefatos culturais, programas de bolsas e treinamento e diplomacia pública. A diplomacia pública japonesa também contribui para o *soft power*. Todas as minhas questões foram respondidas de modo satisfatório. Eu entendo que eu sou livre para requerer qualquer informação adicional em qualquer momento. Eu sei que:

1. Minha participação neste projeto é totalmente voluntária;
2. Eu sou livre para me retirar do projeto em qualquer momento sem nenhum tipo de desvantagem para mim;
3. Os dados de áudio (se forem gravados com autorização do(a) entrevistado(a)) serão destruídos na conclusão do projeto, mas qualquer material do projeto será retido em local seguro por 5 anos, após o qual será destruído. O entrevistado define se prefere ou não a gravação.
4. A entrevista envolverá técnicas de questões abertas nas quais a natureza total das questões não foi definida de antemão, mas dependerão do modo como a entrevista se desenvolver.
5. A importância da diplomacia pública para o *soft power* é uma das questões que serei estimulado a discutir durante a entrevista, por meio de seus programas de treinamento, tecnologia e cultura.
6. Em caso de hesitação ou desconforto quanto a algum questionamento que surgir de acordo com o desenvolvimento da entrevista, eu tenho o direito de não responder qualquer questão em particular. Em adição a isso, eu posso me retirar da entrevista em qualquer estágio sem nenhum tipo de desvantagem pessoal.
7. Os resultados do projeto podem ser publicados, mas a confidencialidade dos participantes será preservada.

Eu aceito participar do projeto.

.....

(Assinatura do participante)

.....

(Data)